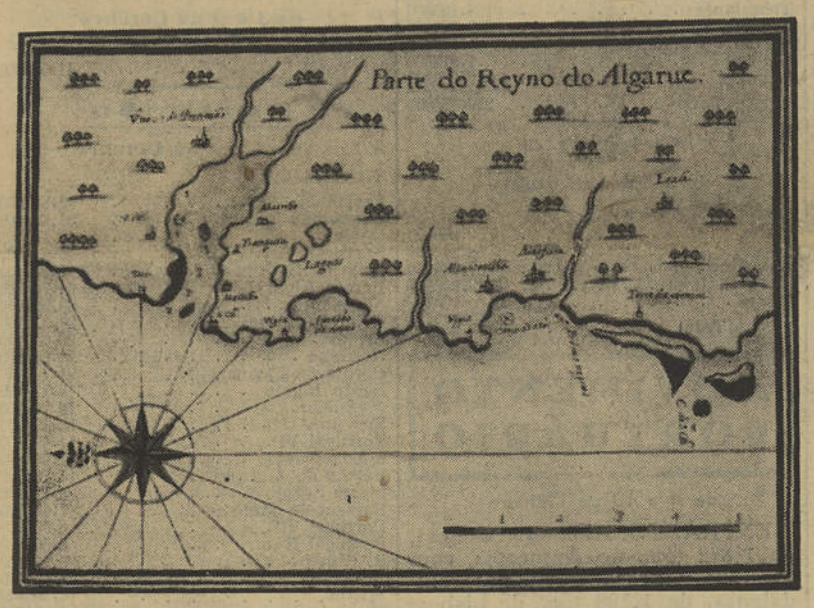
Semanário provincial

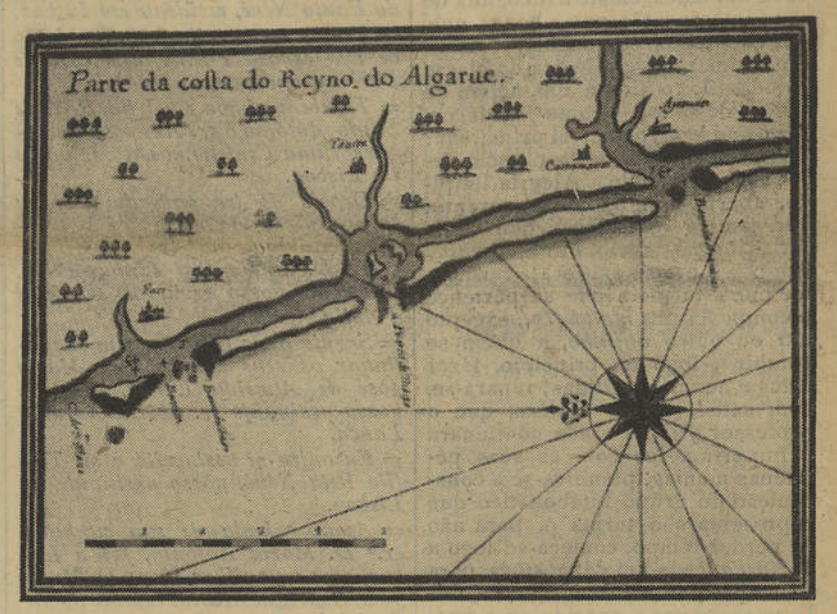
JORNAL do ALGARVE

ANO I • SÁBADO, 12 DE OUTUBRO DE 1957 • N.º 29

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO ◆ EDITOR: SEBASTIÃO SANTOS SILVA ◆ DELEGAÇÃO EM LISBOA — TELEFONE 31839 ◆ AVENÇA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 72 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEFONE 254 ◆ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL — V. R. S. ANTÓNIO

DOIS ANTIGOS MAPAS DA COSTA ALGARVIA





que, além de constituirem CURIOSIDADE, podem servir também para elucidação dos técnicos

JORGE Arez de Mascarenhas, nosso comprovinciano e velho amigo, dedica as suas horas de ócio a pesquizar e a forragear, em bibliotecas e arquivos, elementos sobre a história do Algarve. Pode dizer-se que é esta a sua grande paixão. Daí que lhe interesse tudo aquilo que de qualquer modo se prenda com a nossa terra. Dos últimos elementos recolhidos deu conhecimento aos componentes da Tertúlia Algarvia do Chiado e entre esses elementos, valiosos por serem inéditos para a quase totalidade da nossa gente, figura a reprodução de um manuscrito intitulado «Descripção dos portos marítimos do Reyno de Portugal», por João Teixeira. Cosmógrafo de S. Mag. Anno 1648, e um outro, não menos curioso, intitulado «Plantas, Cidades e Fortalezas da Conquista da Índia Oriental», no qual se reproduzem as plantas das antigas fortalezas lusitanas na Índia, Arábia, Ceilão e Moçambique.

O manuscrito, que pertence à Biblioteca Nacional de Viena, foi editado pelo Instituto Geográfico da Universidade de Berlim, sob a orientação de O. Suelle.

O que nos interessa neste curioso documento é precisamente a costa algarvia, de que reproduzimos dois aspectos, o que vai de Portimão até ao Cabo de Santa Maria, e deste até à foz do Guadiana. As legendas originais rezam assim, quanto ao primeiro: «**Demonstração Da costa que vay de Villa nova de Portimão até o cabo de Sta. Maria, A Barra de Villa nova de Portimão tem de baixamar 15 até 16 palmos de agoa, e de preamar 25 até 26 palmos**»; quanto ao segundo: «**Faro. A Barra de Faro tem de baixamar 2 braças e meya e de preamar mais de 3. Tem outras duas barretas para barcos. Tavira. A Barra de Tavira tem 8 palmos de baixamar, e de preamar 2 braças mais ou menos. Rio Guadiana. O Rio Guadiana aparta o Reyno do Algarve de Andaluzia; dezemboca no mar Atlantico por entre Ayamonte Lugar de Andaluzia e a Va de Castromarim. A Barra hé grande e larga, mas dificultoza, tanto que é necess.º Piloto practico entrar por ella**».

Desta resumidíssima descrição conclui-se que há três séculos ofereciam fundos com certo interesse as barras de Portimão e Faro, chegando esta última atingir mais de 18 pés, o que era um luxo para as modestas embarcações da época. Já então a barra de Tavira oferecia uns fundos

Conclui na 6.ª página

O aeroporto DO ALGARVE

NA posse do novo director da Aeronáutica Civil, o sr. ministro das Comunicações e o empossado fizeram afirmações que nos dão a certeza de que vai sofrer um grande impulso a nossa aviação civil. Regozija-nos esta constatação. É que nós estamos há muito de atalaia, esperançados em que nos chegue a nova de que, finalmente, vai ser um facto a construção do aeroporto do Algarve. Esta obra, que não é só de interesse regional, mas nacional, podendo dizer-se mesmo, sem cair no ridículo do exagero, que é de interesse internacional, há muito estaria feita se não fora esse detestável bairrismo de aldeola que ainda norteia as por vezes discutíveis aspirações das nossas terras — bairrismo que tem levado os governantes a espalhar dinheiro, sem qualquer benefício e com evidente dano para a factura de obras de utilidade indiscutível, como é esta do aeroporto do Algarve. Lá porque esta ou aquela terra entendia que os aviões lhe haviam de passar à porta, como se construir um aeródromo demandasse verba equivalente à de um campo de futebol, ou de um bonito chafariz, não se contribuiu para o aeroporto,

Conclui na 6.ª página

CAPITAÇÃO DAS CONTRIBUIÇÕES *industrial e predial dos concelhos do Algarve*

[Números arredondados e tomando como base o censo de 1950]

Faro	*157$00*
Vila Real S. António	*157$00*
Portimão	*136$90*
Olhão	*125$00*
Lagos	*105$60*
Lagoa	*85$20*
Alportel	*75$25*
Vila do Bispo	*66$50*
Tavira	*65$30*
Albufeira	*59$00*
Silves	*57$40*
Aljezur	*55$45*
Loulé	*53$80*
Castro Marim	*43$70*
Monchique	*42$80*
Alcoutim	*30$70*

Apenas como mera curiosidade, assinalamos que o contribuinte de Vila Real de Santo António, que não dispõe senão de escolas primárias — é verdade, não duvide! — paga tanto como o contribuinte de Faro que tem liceu e escolas técnica e do magistério; paga mais que Portimão, que tem liceu; também paga mais que Lagos, que tem escola técnica; paga bastante mais que Silves, que também tem escola técnica, e o seu peso tributário é quase três vezes superior ao de Loulé, que foi dotada — e muito bem — ùltimamente com uma escola industrial e comercial. Mas, repetimos, isto é apenas mera curiosidade.

O filme em séries ou as quatro barras da Fuseta e o mais que se vai ler

por JOÃO DE DEUS

TODOS já viram ou, pelo menos, já ouviram falar dum filme em séries.

É uma fita que costuma ter normalmente vinte e quatro, vinte e cinco ou trinta e uma partes, que afinal, feitas bem as contas, não atingem as quinze partes de qualquer filme vulgar.

Cenário: Nova Iorque, Chicago, S. Francisco.

Personagens: O «rapaz», a «rapariga», o cientista velho, e uma quadrilha de bandidos capaz de matar meio mundo.

Argumento: A seita de bandidos, vulgo «gangsters», a praticarem o mal por todos os meios possíveis e imagináveis, e o «rapaz» a tentar estorvar a sua acção.

Há tiros, pancadaria, perseguição

Conclui na 5.ª página

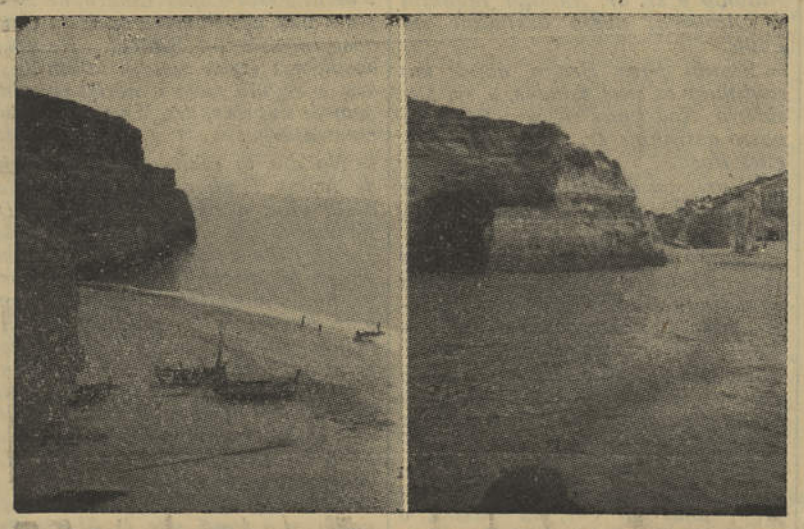
BENAGIL praiazinha maravilhosa

HABITADA POR PESCADORES HUMILDES e de usanças primitivas

ARMAÇÃO DE PERA — Numa proeminência da costa, próximo do farol de Alfanzina, fica a pitoresca e humilde povoação de Benagil. Assenta nas faldas do barranco do mesmo nome, num recôncavo da praia e tudo nela é humilde, desde o casario modesto e branquinho até à centena de pescadores que ali vivem isolados do mundo, num primitivismo de tempos já remotos. Para eles o conforto é coisa desconhecida. Não têm luz nem água e os caminhos que dão acesso à povoação só podem ser trilhados por burros ou cabras.

Já vão longe os tempos em que Benagil disfrutou de prosperidade, prosperidade que afinal não trouxe quaisquer benefícios para a pequena aldeia. Referimo-nos à época em que a pesca da sardinha se efectuava por meio das armações fixas. Existiam ali três dessas artes, as quais davam grande movimento àquelas gentes, quer no labor das

Conclui na 6.ª página



Rochosa, escavada de enormes cavernas, as águas mansas, uma nesga de areia e uns barquinhos à espera de que os empurrem para o oceano — eis a biografia geofísica da pequenina e tranquila praia de Benagil — um trecho solitário de qualquer desconhecida ilha dos mares do Sul, transportado para o nosso Algarve

NÃO SE DEVE PROTELAR a construção do dispensário antituberculoso de Olhão

OLHÃO — Há mais de vinte anos que tanto particulares como entidades oficiais trabalham no sentido de se criar nesta vila um dispensário antituberculoso. E compreende-se este interesse, porque a tuberculose constitui um flagelo neste concelho, flagelo demonstrado pelas estatísticas, que assinalam uma percentagem muito superior ao de qualquer outro concelho do Algarve. Este mal tem sua razão de ser. Olhão é uma terra essencialmente industrial, e o bem ou mal estar do seu povo depende da pesca. Quando esta falha, tudo se ressente e o organismo humano não sai indemne destes colapsos fabris.

O Grémio dos Industriais de Conservas do Sotavento do Algarve adquiriu, em tempos, o terreno necessário para a construção do dispensário. Motivos vários e embaraços de ordem burocrática impediram que a obra se fizesse e o terreno acabou por ser vendido a um particular, dando o dinheiro entrada não naquele Grémio, mas nos cofres da Direcção-Geral da Fazenda Pública. Mais tarde, em Novembro do ano passado, a pedido da Câmara Municipal, deslocou-se a esta vila o inspector clínico da Zona Sul do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos, o qual conferenciou com o sr. comandante Henriques de Brito, então presidente da comissão administrativa do hospital local, tendo ficado resolvida a construção de um dispensário anexo a esse estabelecimento. Para abreviar a realização do melhoramento, deslocou-se a Lisboa o sr. Lourenço de Mendonça, presidente da Câmara Municipal, que esteve naquele Ins-

Conclui na 6.ª página

FEIRA ANUAL de Vila Real de Santo António

COMEÇOU ontem e está a decorrer com muita animação e numerosa afluência de forasteiros, em Vila Real de Santo António, a chamada Feira da Praia, a qual este ano ainda se efectuou no mesmo local dos anos anteriores. Tem sido grande o volume das transacções realizadas, o que não é de surpreender dada a reputação desta tradicional feira não só no sotavento do Algarve como também na vizinha Andaluzia, donde costumam afluir muitos visitantes.

AS PRÓXIMAS ELEIÇÕES

A UNIAO Nacional designou como seus candidatos a deputados à Assembleia Nacional, pelo nosso círculo, os srs. comandante Henrique Ernesto Serra dos Santos Tenreiro, oficial da Armada; major Manuel Sousa Rosal Júnior; dr. Mário Angelo Morais de Oliveira, advogado e eng. Sebastião Garcia Ramirez. O penúltimo substitui o sr. dr. João Ameal.

A oposição resolveu abster-se de concorrer às urnas, o que não impede que alguns dissidentes da mesma apresentem listas, nalguns distritos.

A transferência da cadeia *de Vila Real de Santo António*

ESCREVE-NOS o sr. José Víctor Adragão, que foi presidente do Município Pombalino, a esclarecer que uma edilidade solicitou ao sr. ministro da Justiça a transferência da cadeia, alegando as razões apontadas pelo nosso jornal. Registamos, com prazer, esta informação, lamentando que da diligência feita em tempos não se verifiquem quaisquer frutos. E ainda nos é grato transcrever este voto daquele antigo presidente da Câmara pombalina: «Que Deus inspire os presidentes da Câmara que me seguirem e que os mais altos poderes os auxiliem, para que Vila Real de Santo António venha a ocupar o lugar de destaque a que tem direito no Algarve e no País».

Voto que muito agradecemos.

Tranquilamente, fugido â traição dos baixios do litoral algarvio, aos sopros inseguros do Sueste, flagelador impenitente da nossa costa, o «Belem», bela unidade que desde há meses frequenta regularmente o porto de Vila Real de Santo António, recebe nos seus porões, no entreposto da Vila Pombalina, o produto do trabalho de milhares de braços empregados na indústria e na agricultura sotaventina.

"JORNAL DO ALGARVE"

APARECE, a partir de hoje, no frontispício do nosso periódico, a declaração de que é o *Jornal algarvio de maior tiragem e expansão*. Podíamos, mais cedo, ter exarado esta verdade. Não o quisemos, porém, fazer sem nos assegurarmos de que o êxito inicial não representava uma fugaz curiosidade, que se atenuaria com o decorrer do tempo. A curiosidade, todavia, aumentou, assumiu as proporções previstas e deu-nos as bases indispensáveis para podermos, a partir de hoje, ostentar orgulhosamente aquela legenda. Que não constitua ela melindre para os companheiros destas lides provinciais da Imprensa; antes, desejamos que ela constitua estímulo para que se faça mais e se faça melhor. E se o *Jornal do Algarve* — que é do Algarve — pode chamar a si a honra que se deixa circunstanciada, deve-se à tal pequena equipa em que não se sabe o que mais admirar — se o desejo de acertar, se o empenho de bem servir. De qualquer modo, cumpre; e cumprindo, serve a nossa pequena e querida Pátria Algarvia.

O JORNAL ALGARVIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

A saúde é a maior riqueza

VISITAS E GRIPE

A gripe transmite-se do doente e do convalescente aos indivíduos sãos. Nas visitas destes àqueles, e vice-versa, a propagação da doença encontra oportunidade muito propícia.

Se está engripado ou convalescente de gripe, não receba nem faça visitas.

14 OUT. 1957

por CASIMIRO DE BRITO

Aguarela estudantil

CHEGARAM os estudantes, e, chegando, destronaram a monotonia de uma cidade que só é igual a si mesma quando se movimenta.

Chegaram os estudantes e de novo as ruas se transformaram em gritos estridentes, extremamente juvenis, aparentemente despreocupados. Porém, em todos eles, em cada um deles, existe a incógnita de uma interrogação que a todos une, em que todos comungam, formando a camaradagem lógica da classe estudantil: o fito é um, acima de tudo e de todos — como irá decorrer o ano lectivo que vai principiar?

Entretanto, a alegria passeia pelas ruas da cidade. Alegria límpida, aberta, um nadinha aparente: abraçam-se os colegas que umas férias longas distribuíram por esses campos e praias em fora; verifica-se que a turma a que se pertence é composta por *malta fixe*, excepto um ou outro *anjinho*, a quem se combina, logo de princípio, fazer estas e aquelas partidas; repara-se, com satisfação ou tristeza, que o professor *fulano* ainda continuará a importuná-los com as suas pequenas manias; planifica-se a constituição do grupo futebolístico que representará a turma e, para não se perder tempo, começa-se logo a *pedincha*, cada um dez tostões, para a compra da bola da turma; rejubila-se ao se ver a querida ou o querido, agora mais bela ou mais simpático, devido ao bronzeado saudável da pele... enfim, grita-se, gesticula-se, distribuem-se sorrisos, acamarada-se alegremente, fazem-se planos e mais planos... E todo um mundo de gente nova, diferente, buliçosa, alegre, a provar-nos a continuidade vital, mais modernizada, mais ou menos consciente, sem dúvida fazendo-nos crescer abundantemente a inveja, a saudade, o desejo de esmagar debaixo dos pés a corrida inexorável do tempo...

Nós, que já fomos estudante, durante seis belíssimos anos, nesta mesma cidade, sabemos bem o calor e a alegria irradiados nestes dias de começo de aulas. Por isso mesmo, não resistimos à tentação de meter três livros debaixo do braço e compartilharmos também da alegria dessas centenas de rapazes e raparigas, imensamente despreocupados, alheados de tudo isto, este *isto* incomparável com que a vida nos presenteia dia a dia. Esquecemos as mil e uma amarras que nos torturam os sentidos e, completamente vazio, também enfileirámos rua abaixo, rua acima, cem por cento estudante, completamente igual ao que éramos não há ainda quatro anos... É certo que, em lugar da *Gramática Francesa* ou do *Compêndio de Direito Comercial*, levávamos um original do John dos Passos e um dos últimos ensaios de Bertrand Russel... Mas o espírito, nesse dia, nesse instante, pelo menos nesse dia e nesse instante, era o mesmo, era o de estudante, ia despreocupado, alheado, não ia...

Ah! Belos tempos de estudante! Como eles, os que agora passam tão belamente satisfeitos e bem dispostos, desconhecem o que a vida lhes destina, como eles desconhecem que atravessam a mais bela das pontes da vida! E como todos eles, sem excepção, desejam chegar-lhe ao fim, desejam ser já adultos, desejam que o primeiro pelo na face ou o primeiro sintoma mulheril apareçam prematuramente!

Porque depois, depois da bela ponte que agora atravessais, só vos restará a SAUDADE, e as inúmeras RECORDAÇÕES, as histórias que vós tereis para contar...

E como tudo isso, aparentemente tão pouco, é tanto para nós... os que já atravessámos a ponte!!!

S. Luís, em festa

Ali para os lados de S. Luís, houve festa rija. Eram mais ou menos nove horas desse domingo, seis de Outubro, nas ruas só se falava do jogo dessa tarde, o Farense-Portimonense, e muita gente se dirigia para S. Luís, onde uma festinha que teima em chamar-nos todos os anos, se realizava entre sermões na igrejinha popular e lances no leilão de ofertas, este ano, como todos os outros, muito bem provido.

Ouviam-se já os foguetes da ordem, artísticas girândolas artificiais desenhavam caprichosos desenhos no céu todo azul, e nós... então mais moço de dezanove anos do que cronista de uma cidade... para lá também fomos folgar e alegrar-nos...

E connosco, bem disposta e barulhenta, foi toda a cidade, cansada de um domingo de descanso!...

Poemas da Solidão Imperfeita

Dentro de alguns dias, será publicado o livro de poesia «Poemas da Solidão Imperfeita», da autoria do nosso prezado colaborador Casimiro de Brito.

«Poemas da Solidão Imperfeita» (O Livro Negro), será distribuído pelo seu autor, pelo que os interessados poderão fazer os seus pedidos para a rua Bocage, 140. FARO.

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa e filhinhas, encontra-se em Vila Real de Santo António, passando as suas férias, o sr. António Casimiro Lima, nosso assinante em Lisboa.

= Passou por esta vila, de regresso à sua casa em Lisboa, a sr.ª D. Maria Antonieta Campas, que esteve alguns dias em Sevilha.

= Esteve uns dias em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua mãe, o agente técnico sr. João Ricardo Paula Néné, residente em Lisboa.

= Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. Dante Barbosa Guerreiro.

= Também vimos em Vila Real de Santo António o sr. Augusto Rodrigues Lima Centeno, nosso assinante em Lisboa.

= Depois de ter passado a época balnear nesta vila, regressou à Amadora, acompanhada de seus filhos, a sr.ª D. Maria José Lima Avelar, esposa do nosso assinante sr. Vital d'Avila Avelar.

= Seguiu para Lisboa, a fim de continuar os seus estudos, o sr. Mário José de Almeida Lança, filho do nosso assinante sr. Mário Antunes Lança.

= Encontra-se nesta vila o sr. Teófilo Rita Néné, nosso assinante em Lisboa.

= Acompanhada de sua cunhada, sr.ª D. Maria Antónia, foi a Lisboa, com seus filhos, a sr.ª D. Maria José Rodrigues Ritta, esposa do industrial e nosso assinante sr. Jose António Ritta.

= Seguiu para Loulé, para onde foi transferido, o nosso assinante sr. Flamínio José Gil, fiscal da F. N. I. M.

= Encontra-se nesta vila o sr. João Plácido da Silva Negrão, nosso assinante na Amadora.

= Regressou de férias o nosso assinante sr. Valério Rodrigues, aspirante de Finanças nesta vila.

= Também regressou de férias o nosso assinante sr. António Ferreira Mendes, funcionário da agência da Caixa Geral de Depósitos desta vila.

= A fim de assistir ao casamento de seu primo Francisco Delgado Caraça Cipriano, como noutro lugar noticiamos, esteve em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa, o sr. José Novo da Silva, residente em Lisboa.

= Encontra-se nesta vila, com sua filha Maria da Encarnação, a sr.ª D. Maria Delgado Caraça Martins, esposa do sr. António Sebastião Martins, nosso assinante em Lisboa.

= Depois de ter gozado as suas férias em Faro, regressou a esta vila o nosso assinante sr. Armando Rebelo de Sousa, agente do Banco de Portugal em Vila Real de Santo António.

= Vimos nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Domingos Reis Honrado, nosso assinante em Olhão.

= Com pouca demora, esteve nesta vila o nosso assinante em Lisboa, sr. Júlio Padesca, agente de publicidade.

= Vimos em Vila Real de Santo António o sr. dr. António Joaquim de Almeida, nosso assinante em Loulé.

= Seguiu para Braga, aonde vai continuar os seus estudos, o sr. Desidério Rodrigues Rosa, filho do nosso assinante sr. António Rodrigues Rosa.

= Regressou de Itália, acompanhado de sua esposa, o industrial sr. João Folque e Brito.

= Seguiu para Faro, para continuar os seus estudos no liceu, a menina Ermelinda Guerreiro Rita Fernandes, filha do nosso assinante sr. Júlio Jorge Gonçalves Fernandes.

= Esteve em Vila Real de Santo António a sr.ª D. Maria Lúcia da Silva Canau, nossa assinante na Conceição de Tavira.

= Regressou à sua casa de Faro, depois de ter passado o verão na sua propriedade do Cré, na Fuseta, o nosso assinante sr. José Francisco Lã, acompanhado de sua esposa e filho.

= Regressou à sua casa de Faro, depois de ter passado a época balnear em Albufeira, o nosso assinante sr. Gervásio Santos, acompanhado de sua família.

= Encontram-se nesta vila os srs. Manuel Tenório e Agostinho Fernandes Piloto, nossos assinantes no Barreiro.

= Regressou de Lisboa à sua casa de Castro Marim o sr. António Jacinto Correia Salvador.

= Depois de terem passado as suas férias em Lisboa, regressaram a Castro Marim as sr.as D. Angelina e D. Maria Helena Gusmão Nogueira Faísca.

= A fim de assistirem ao funeral de sua sogra, como noutro local noticiamos, estiveram nesta vila, acompanhados de suas esposas, os srs. Delmonte Vasconcelos e Tiago Samúdio, nossos assinantes, respectivamente, em Lisboa e Aiamonte.

= Acompanhado de sua esposa, esteve em Lisboa, com pouca demora, o nosso assinante sr. Manuel da Cruz Rodrigues.

Casamentos

Na maior intimidade, realizou-se há dias, em Lisboa, o casamento da sr.ª D. Maria José de Aragão Teixeira Marrecas, professora do Liceu de Beja, filha da sr.ª D. Maria José Duarte de Aragão Teixeira Marrecas e do sr. Cândido Augusto Marrecas, nosso assinante e agente do Banco de Portugal na mesma cidade, com o sr. dr. António Varela Féria de Araújo Rocha, interno dos Hospitais Civis de Lisboa e assistente da Faculdade de Medicina, filho da sr.ª D. Maria Joana Féria Parreira Rocha e do sr. dr. João Parreira Rocha, também médico em Lisboa. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus pais, e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria Luísa Varela Féria Lopes Colaço, de Serpa, e o sr. dr. Pompeu de Melo Cardoso, médico em Setúbal. Ao novo casal, que fixou residência em Lisboa e seguiu para o norte, em viagem de núpcias, desejamos as maiores venturas.

= No dia 6, realizou-se na igreja de Nossa Senhora da Encarnação, desta vila, o casamento da sr.ª D. Felismina do Nascimento Afonso Jorge, filha da sr.ª D. Rita Afonso Jorge, já falecida, e do sr. José Jorge, nosso assinante em Lisboa, com o sr. Francisco Delgado Caraça Cipriano, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, filho da sr.ª D. Valentina Delgado Caraça Cipriano e do sr. Manuel Cipriano, comerciante nesta vila. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, seus primos, sr.ª D. Maria Catarina Afonso Paulino e o sr. Manuel Afonso, e por parte do noivo, sua irmã, sr.ª D. Maria Felicidade Caraça Cipriano, em representação de sua tia, sr.ª D. Maria da Encarnação Cardoso Delgado, e seu tio, sr. Bernardino Baptista Delgado. Aos noivos, que fixaram residência em Be a, desejamos as maiores felicidades.

Doentes

Depois de ter sido submetida a uma intervenção cirúrgica no Hospital de Tavira, regressou já a sua casa desta vila, em franca convalescença, a sr.ª D. Maria Etelvina Magalhães, esposa do nosso assinante sr. Carlos Augusto de Magalhães.

= Foi operada no Hospital Marquês de Pombal, desta vila, a sr.ª D. Ana Maria Aleixo da Luz, esposa do nosso assinante sr. António Pedro da Luz, a qual felizmente se encontra melhor.

= Vítimas de um lamentável desastre, encontram-se hospitalizados o nosso assinante sr. Alfredo do Carmo Morais e o sr. Júlio Baptista Mateus, filho do nosso assinante sr. Júlio Mateus.

= Em Lisboa, para onde tinha seguido últimamente, encontra-se doente, com gripe asiática, a nossa assinante sr.ª D. Maria Rosa Rodrigues.

A todos desejamos rápidas melhoras.

ECONOMIA

A transformação agrícola operada na América do Norte

NOS últimos dez anos, a agricultura dos Estados Unidos sofreu uma profunda transformação. Os pontos que definem essa transformação são os seguintes:

Primeiro: a produção por agricultor duplicou; em 1930 um lavrador produzia para dez consumidores e hoje produz para vinte. Segundo: os rendimentos são cinco vezes mais altos que há dez anos e o lucro líquido é duas vezes superior. Terceiro: a diferença do nível de vida e de cultura entre o campo e a cidade desapareceram, sendo mais cómoda e salubre a vida do camponês. Quarto: não desapareceu a exploração familiar; 97 por cento das terras de cultura estão a cargo de famílias lavradoras, ajudadas por alguns assalariados. Quinto: a superfície média passou de 89 hectares de exploração familiar, em 1930, para 126 na actualidade. Sexto: a pecuária aumentou, no que respeita ao gado vacum, em 40 por cento o número de cabeças, mas o pessoal empregado em tratá-lo é presentemente inferior em 50 por cento. Sétimo: o número de assalariados para a cultura do trigo é actualmente de 20 por cento, havendo aumentado a superfície de terra em exploração, de 33 por cento.

Produção mundial de azeite

A firma britânica Leon Frenkel, Limited, avalia a produção de azeite deste ano em 964.200 toneladas métricas, contra 650.000 o ano passado. Em 1954-55 a produção mundial ascendeu a cerca de 800.000 toneladas.

A colheita deste ano, por países, deve ser a seguinte: Espanha, 395.000 toneladas; Itália, 120.000; Grécia, 110.000; Tunísia, 90.000; Turquia, 75.000; Portugal, 70.000; Marrocos, 24.000; Argélia, 12.000; Argentina, 10.000; Jordânia, 6.000; Israel, 4.000; Iugoslávia, 3.700; Líbia, 3.500; França, 2.500; Chipre, 2.000; Califórnia, 2.000 e Pérsia, 1.000.

Diversas

Espera-se que a próxima colheita de laranja espanhola atinja a cifra fantástica de um milhão de toneladas, das quais 750.000 se destinam à exportação. Os maiores concorrentes deste país são a Itália, Israel, Marrocos e a África do Sul. Já se fizeram algumas transacções, com a laranja ainda na árvore, a 40 pesetas a arroba.

— No mês findo, atingiu a importância de 9.385.663$00 o peixe vendido na lota industrial de Setúbal.

— Na lota de Aveiro, a venda da sardinha no mês passado atingiu o valor de 910.150$00. A traineira de Peniche «Praia da Atalaia» foi a que mais vendeu.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DOS OLHOS

Consultas às 11 e às 15 horas

Rua Filipe Alistão, 27 - **FARO**
Telefone **475**

EMPRÉSTIMO à Câmara de Lagoa

Foi autorizada a Câmara Municipal de Lagoa a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 200 contos, amortizável em quinze anos, destinado à aquisição de contadores de água.

Animatógrafo

A FEIRA

A feira, eterno motivo,
velho quadro, sempre vivo,
está presente,
adivinha-se a distância
no ar festivo da gente,
na penetrante fragrância.

A feira! Outro ano que passa
entre ruído e chalaça...
E deveras
apetece recordar
outras feiras, outras eras,
outras formas de expressar...

«Mil fedelhos, prazenteiros,
rebentam os mealheiros
a pensar na brincadeira:
cornetas, circos, palhaços,
doces de belos pedaços,
resumindo-se: na feira!

Da praça até à muralha,
ouve-se infinita ralha
de pregões, risos e gritos;
os pagodes principiam,
os carrocéis rodopiam,
os moços sopram nos pitos!»

Foi assim em feiras idas,
em folhas já esquecidas;
mais modernos
são estes outros respigos
de tempos «semi-fraternos»
embora não muito antigos:

«A feira, a que trás mais moscas
e tantas barracas toscas,
visita-nos, novamente,
com seu cortejo vibrante
de balbúrdia estonteante
que põe surda toda a gente!

Seja noite, ou seja dia,
não descansa a berraria
enquanto durar a feira,
e o povinho, ensurdecido
por um tão forte alarido,
lá goza, à sua maneira:

Compra loiças, olha os móveis,
«cai» nas pistas de automóveis,
come nozes, figos, peros,
e não gasta mais escudos
porque os tempos vão «bicudos»
não permitindo exageros...»

A feira desaparece,
tudo finda, tudo esquece;
a que fôra
buliçosa, cem por cento,
apenas fica senhora
do juvenil pensamento...

OPERANTE

Notas do Algarve

Vila Real de Santo António

de 3 a 9 de Outubro

TRAINEIRAS:

Janita	55.005$00
Agadão	53.080$00
Maria Rosa	52.980$00
Tozé	24.185$00
Amazona	22.575$00
Aldita	21.865$00
Infante	19.180$00
Conceiçanita	16.820$00
Audaz	15.625$00
Novo S. José	13.575$00
Vulcão	7.800$00
Leste	5.110$00
Triunfante	4.185$00
Flor do Sul	3.990$00
Pérola do Guadiana	1.770$00
Liberta	1.010$00
Jomanel	980$00
Total	259.535$00

Olhão

de 3 a 9 de Outubro

TRAINEIRAS:

Maria Rosa	30.850$00
Tôluis	30.840$00
Amazona	27.064$00
Novo S. José	18.900$00
Oeste	250$00
Total	107.904$00

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 4 a 10 de Outubro

ENTRADOS: Alemão «Pasajes», de 1.372 ton., de Antuérpia, com folha de flandres; Português «Madalena», de 1.198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Mira Terra», de 562 ton., de Lisboa, com adubos; Italiano «Framar», de 499 ton., de Lisboa, com carga em trânsito; Português «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Português «Manelica», de 86 ton., de Tânger, arribado com avaria no motor.

SAÍDOS: «Zé Manel», para Lisboa, com minério; «Pasajes», para Hamburgo, com conservas; «Madalena», para o Funchal, com 300 ton. de sal, 450 golpelhas de figo seco e 100 caixas de figo; «Framar», para Livorno e Génova, com conservas.

Os C. T. T. no Algarve

As sr.as D. Salvina Augusta Moreirão Monteiro — operador, e D. Rosa Maria Viegas Gonçalves — telefonista de reserva, foram transferidas, a seu pedido, respectivamente, das estações da Guarda para a de Olhão e da de Loulé para a rede telefónica de Faro.

Transporte colectivo de passageiros

em Portimão e Praia da Rocha

Foi superiormente aprovada a deliberação da Câmara Muuicipal de Portimão, relativa à municipalização do serviço de transporte colectivo de passageiros em Portimão e Praia da Rocha, que funcionará juntamente com os actuais servicos municipalizados de água e electricidade.

Albufeira

de 3 a 9 de Outubro

TRAINEIRAS:

Sarda	3.200$00
Portugal VI	1.300$00
Santo Inácio	1.200$00
Mélinha	530$00
Nova Forcada	700$00
Mirita	400$00
Artes diversas	72.326$00
Total	79.656$00

Armação de Pera

de 3 a 9 de Outubro

Valor da pesca neste período
Total 41.576$00

Portimão

de 3 a 9 de Outubro

TRAINEIRAS:

Farrilhão	94.870$00
Gracinha	51.650$00
Dorita	49.450$00
Portugal VI	48.620$00
Anjo da Guarda	48.250$00
Pérola Algarvia	31.780$00
Marisabel	29.200$00
Cristina Leote	27.020$00
Sr.ª da Saúde	26.950$00
Arrifana	24.000$00
Pérola de Lagos	21.700$00
Santo Inácio	16.770$00
Mexilhão	16.750$00
Sr.ª do Altar	12.080$00
Portugal VI	11.490$00
Maria Odete	11.080$00
Pérola do Oceano	10.700$00
Maria Sérgio	8.170$00
Estrela de Maio	7.480$00
Portugal VII	6.500$00
Portugal II	6.300$00
S. Flávio	6.100$00
Amazona	5.500$00
Mirita	4.300$00
Ciclone	4.000$00
Borges do Rego	3.530$00
Oressa	3.190$00
Noroeste	3.000$00
Sol	2.920$00
Sr.ª do Cais	2.720$00
Costa Azul	2.500$00
Lua Nova	1.780$00
Lusitana	1.770$00
Sarda	1.280$00
Pérola do Barlavento	640$00
Total	605.840$00

FORAM INAUGURADAS as novas instalações DA CASA SIMON

CONSTITUIU um importante acontecimento a inauguração, realizada em Vila Real de Santo António, na passada quinta-feira, das novas instalações do estabelecimento de fazendas e modas do conceituado comerciante local, sr. José Dominguez Vieira Velasco, sitas na Praça Marquês de Pombal.

A «Loja Simon» era uma velha casa comercial que bem precisava de ser completamente remodelada. O filho do seu fundador — aquele nosso amigo — tomou a iniciativa de realizar esse louvável empreendimento e fê-lo de forma a merecer as nossas felicitações, pois soube delinear e fazer executar, não olhando a sacrifícios materiais, umas instalações que honram a nossa terra.

O novo estabelecimento, cuja decoração, iluminação e mobiliário constituem um conjunto de inegável bom gosto, tem sido muito visitado e apreciado pela sua dedicada e numerosa clientela.

"DEVCON" aço plástico

80 % aço — 20 % plástico

UM PRODUTO REVOLUCIONÁRIO

ÚNICO NO MUNDO

INÚMERAS APLICAÇÕES EM TODAS AS INDÚSTRIAS

Pode ser empregado em: Reparações de roturas de canos, tanques, cabeças de motores, carroçarias, etc. Confecção de ferramentas, moldes, etc. — Pode ser torneado ou limado

Distribuidores:

AGÊNCIA COMERCIAL, L.DA

LISBOA — Rua da Boa Vista, 76-1.° — **Telef. 34759**

PROPRIETÁRIOS!!!

ATENÇÃO!!!

«A CONFIDENTE» possui anexa à sua grande ORGANIZAÇÃO uma secção especializada em hipotecas sobre PROPRIEDADES, tanto em LISBOA como nos ARREDORES E PROVÍNCIA, ao juro da Lei. Transacções efectuadas desde 10 até 5.000.000$00. Facilitam-se amortizações semestrais e anuais.

Nada cobramos ao cliente, a título de vistoria ou deslocação.

Os n/ 24 anos de existência garantem bem a boa regularidade dos n/ negócios.

A CONFIDENTE

(A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS)

LISBOA: — ROSSIO, 3-2.°
Telefs. 21391-30257-367765-367767

PORTO: — R. PASSOS MANUEL, 14-1.°
Telefs. 28721-27011-31309-31729

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

O "TRIO ALGARVIO" EM FUGA IMPRESSIONANTE

sob a expectativa de toda a zona sul

Em Faro — O «Leão» soltou-se por 20 minutos...
Em Alcântara — Concerto regido a 2 x 5...

por ANTÓNIO A. SANTOS

S. LUÍS

Farense, 2 — Portimonense, 1
Golos de Alexandrino, Remígio e Armando

Qualquer das equipas deu uma ideia do seu valor. O Farense em recuperação, com 20 minutos fulgurantes, e o Portimonense a mostrar que o seu êxito é palpável e visível, a justificar o alto do «trono» em que se alcandorou.

Futebol com selo de «derby» e objectivo de «leader» para qualquer dos elencos, sem poder oferecer notas de «association» primorosas, dada a sobrecarga de nervos, para uns e outros.

Mais em emoção, sobretudo do 45.º ao 75.º minuto, a partida ofereceu entrecho empolgante, ao gosto daqueles que preferem viver o futebol-campeonato.

Jogou-se em «moderato» e em «alegro», parafraseando a música, com os barlaventinos, em primeiro trecho, mais rápidos sobre a bola, mais autoritários e mais conjugados, como equipa, desde Daniel a Alexandrino, servindo excelentemente a táctica pre-estudada. De tal modo que o golo, aos 32 minutos, coroando o pulso firme do Portimonense no desenho das suas jogadas mais explícitas e concludentes, não escandalizou quando apareceu.

Depois do intervalo, veio o «vivo-alegro». Tal como se abrisse uma jaula, o «leão» saíu, inconvicto com a desvantagem, e arrancou velocíssimo «endoidecendo» a defesa do Portimonense. Velocidade, penetração fácil, futebol estonteante, golos iminentes e reais, invalidados e «camuflados», deram-nos a impressão de que a defesa visitante seria impotente ante a fúria dos «Leões de Faro». Mas o «aluguer» de tais ímpetos de «leão» custou caro «à hora»—caro na moeda da generosidade e de desgaste físico, e o grupo da «casa» teve de abrandar para um ritmo mais repousante, contendo-se ante o 2-1, que serviu para mostrar por banda dos locais uma ofensiva de garra, e pelo lado do clube do Barlavento uma defesa sólida, que não perdeu o tino, a despeito de sacudida de alto a baixo nessa vintena de minutos.

Triunfo certo de Faro, com a certeza de que um e outro são pilares excelentes à altura das aspirações dum Algarve saudoso da 1.ª Divisão.

Nomes a citar: Remígio, Armando, Bento, Reina, Isaurindo, pelo Farense; Daniel, Luz, Coelho, Romão e Alexandrino, pelo Portimonense.

A arbitragem de Eduardo Gouveia, descontando-lhe o senão do golo nítido, não desagradou.

TAPADINHA

Atlético, 2 — Olhanense, 5
Golos de Parra (3), Ângelo e Cava

Alcântara confirmou o Estádio Padinha, de domingo. 0-2 ao intervalo, quase copiados a papel químico e 5 golos fulgurantes, a creditar o maior êxito da jornada, voltaram a falar explícito sobre a turma de José João.

Parra, Ângelo e Cava foram os sublinhadores deste triunfo, que veio, afinal, gerar um abismo de 3 pontos entre o trio algarvio e os seus acérrimos competidores e comprovar que o ataque do Olhanense tem veia, é empreendedor e sabe concretizar. Alcântara foi uma resposta a Évora, àqueles que supõem que só a brecha das expulsões aberta no xadrez juventudista permitiu tão volumosa contagem.

O Algarve marcha em rumo de triângulo vitorioso, com todas as equipas imbatíveis nos seus terrenos e acumulando pontos de grande valor para a sua miragem.

Estamos a dois domingos do «equador» da 1.ª volta, e a Região marcha em bloco destacado... em «fuga» autêntica.

Este «sprint» do Olhanense, arrancado em Lisboa sobre o relvado e batendo o pé a uma equipa de saber, foi o mais destacado feito da jornada — tornou-o «leader» do Sul e... arrastou toda a equipa algarvia para o primeiro lugar.

Jogos para amanhã

OLHANENSE-CORUCHENSE

Jogo que oferece ao «leader» a oportunidade de consolidar a sua posição. A equipa rubro-negra desce ao seu terreno em euforia, e deve primar em manter as credênciais de «leader» e de melhor ataque da zona.

Partida recheada de atractivos e de expectativa, até porque Coruche depois de Alcântara, a que resistiu admiràvelmente ao relvado e ao Atlético, e do seu triunfo sobre os verde-oiro do Montijo, tem vindo a subir na cotação do futebol sulista.

Vitória do grupo da casa, sem números arriscados como expressão do «score», a definir um jogo em que o ataque Olhanense e a defesa azul vão ter papéis preponderantes de protagonistas...

PORTIMONENSE-MONTEMOR

O Portimonense continuará... A derrota de Faro não desmentiu os seus méritos nem diminuiu o grupo, em nossa opinião. Sucede, até, que no domingo, a estimular o seu desejo de reabilitação, terá pela frente um grupo alentejano vestindo pelo mesmo figurino do Farense.

A ideia desse mesmo Farense, triunfante há oito dias, deverá agigantar os Barlaventinos ao pensamento duma vitória rotunda. Todavia, nada de entusiasmos crescentes. A ideia dum Portimonense robusto continua a dominar toda a «família» da Zona, e a confiança num Montemor custou cara ao Olhanense...

Uma defesa estudada e solidificada pelo sacrifício das suas pedras pode fazer «patinar» um quinteto que não é dos mais empreendedores a «golear».

Triunfo de prever, que nunca de predizer, por dois golos de margem.

ARROIOS-FARENSE

Arroios, um perigo para qualquer dos elencos algarvios. Dí-lo a tradição, vai para quatro anos de zona, qualificando os tricolores de Lisboa.

No seu minúsculo terreno, o Arroios deve avultar mais o obstáculo da passagem do Farense, tornando-a mais difícil, até porque ambos os grupos jogam a hora e meia de olhos postos no 3.º lugar. No entanto, o «Leões de Faro», tal como o víramos no domingo, é grupo que sabe querer e... crer nas possibilidades dum triunfo seu.

Depois do Estoril-Portimonense e Atlético-Olhanense, este jogo Arroios-Farense completa a primeira jornada Lisboa-Algarve, jogada para além do Tejo.

O Farense, grupo brioso, é *team* para não se deixar surpreender e triunfar da hora e meia, subjugando o adversário por números tangenciais e quebrando, duma vez para sempre, a tradição fatídica, a poder do seu mais apurado conjunto.

Leia o JORNAL DO ALGARVE e saberá o que se passa no Algarve

«FÉ, ENTUSIASMO E JUSTIÇA orientarão a nova direcção da Associação de Futebol de Faro»

declarou o novo presidente

sr. dr. João Emiliano de Matos Parreira, no acto da sua posse

REALIZOU-SE na terça-feira, na sede da A. F. F., o acto de posse dos novos corpos gerentes, conforme tínhamos anunciado. A sessão, a que presidiu o sr. dr. Torres Vieira, ladeado pelo sr. Dimas D. Lima e secretariado pelo sr. Eduardo Arcanjo, revestiu-se de grande brilho.

O sr. Dimas D. Lima apresentou as suas despedidas como presidente cessante, agradecendo, com palavras de gratidão, a boa colaboração recebida dos clubes e Imprensa, o que contribuiu para o bom desempenho da sua missão.

Depois do acto de posse e lido um telegrama do vice-presidente eleito, o editor do *Jornal do Algarve* e nosso prezado amigo, sr. Sebastião Santos Silva, que por motivo de doença não pôde comparecer, o sr. dr. Matos Parreira agradeceu, em nome dos dirigentes eleitos, por terem sido escolhidos para tão honroso lugar. Fé, entusiasmo, justiça e dignidade orientarão a nova direcção no desempenho do seu mandato, — assim o afirmou o novo presidente, que também se referiu ao trabalho da Imprensa, à qual solicitou a melhor colaboração. O sr. dr. José Júlio Martins apresentou as saudações do povo de Silves, com palavras de transbordante carinho.

Por último, o sr. dr. Torres Vieira, em breve análise, focou com relevo a actividade e qualidades dos dirigentes cessantes e dos eleitos, terminando a sessão com o pedido de um voto de louvor ao sr. Dimas Duarte Lima, pelo delegado do Lusitano F. C.

O *Jornal do Algarve,* que tem por quem trabalha a maior das admirações, saúda os dirigentes eleitos e associa-se, muito afectuosamente, à homenagem que foi tributada, por todos os presentes, ao presidente cessante.

SELECÇÃO DA SEMANA

Isaurindo (Daniel)
Reina Fonte Santa Luz
Poeira Bento
Costa Cava Ângelo Parra Sílvio

FAROL-ISBOA EM NÚMEROS:

	J	V	E	D	golos	
FARO	15	12	0	3	32-13	24 pontos
LISBOA	15	6	2	7	31-33	14 pontos

CONFLITO REGIONAL

OLHANENSE	1	1	0	0	2-0	2 pontos
Farense	2	1	0	1	2-2	2 pontos
Portimonense	1	0	0	1	1-2	0 pontos

- VELA -

O Sport Lisboa e Faro e o Centro de Vela de Faro da M. P.

ganharam as regatas do Dia do Homem do Mar, em Lagos

As regatas do Dia do Homem do Mar, em Lagos, que tinham sido adiadas devido ao mau tempo, realizaram-se no domingo passado e nelas tomaram parte 16 embarcações representando os Centros de Vela da M. P. de Faro, Lagos e Olhão, Clube de Vela de Lagos, Clube Desportivo Os Olhanenses, Clube Náutico de Vila Real de Santo António e a Secção Náutica do Sport Lisboa e Faro.

Os velejadores do Club Marítimo Punta de Umbria (Huelva-Espanha), Associação Desportiva da Brigada Naval (Lisboa), do Ginásio Clube Naval de Faro, e dos Centros de Vela da M. P. de Tavira e Portimão não compareceram.

Se a ausência dos representantes de Espanha e Lisboa é compreensível e justificável, outro tanto não se pode dizer dos representantes dos Centros de Vela da M. P. de Tavira e Portimão, nomeadamente deste último, quase a dois passos de Lagos, tanto mais que os organizadores pagavam o transporte das embarcações e o transporte e alojamento dos velejadores e seus delegados.

Em Snipes, a que concorreram os Centros da M. P. de Faro e Olhão, C. V. de Lagos e o C. N. de Vila Real de Santo António, ganhou, merecidamente, a tripulação da M. P. de Faro, com Vítor Varela e Euler Mendes, seguindo-se-lhe João Patrício e José Viegas, da M. P. de Lagos, e César Machado e Norberto Leitão, do C. N. de Vila Real de Santo António.

Se a vitória de Vítor Varela e Euler Mendes já era de esperar, dada a classe e o calo de Vítor Varela, que já ganhou um Campeonato de Portugal em Moths, é contudo de assinalar e salientar o 3.º lugar conquistado pelos representantes do Clube Náutico de Vila Real de Santo António, os quais correram num velho barco (que lhes foi emprestado por um outro clube) e estão naturalmente destreinados por não haver qualquer embarcação da classe Snipe em Vila Real, e por não ter havido qualquer regata no estuário do Guadiana desde o fecho inexplicável do Centro de Vela da M. P. de Vila Real de Santo António, a não ser as provas internacionais, deste ano, de Aiamonte.

É pena que ao Clube Náutico de Vila Real de Santo António, agora a ressurgir das cinzas do seu glorioso passado, não se lhe facultem embarcações das várias classes, pois dadas as condições privilegiadas do rio Guadiana e a boa estirpe de velejadores a que dá berço, muito teria que dar que falar nos meios vélicos da nossa província.

Classificação geral — (Classe Snipe) — 1.º, Vítor Varela e Euler Mendes, M. P. de Faro; 2.º, João Patrício e José Viegas, M. P. de Lagos; 3.º, César Machado e Norberto Leitão, Clube Náutico de Vila Real de Santo António; 4.º, José António de Oliveira e Cristóvão Martins, M. P. de Olhão; 5.º, Reinaldo Assunção e João Viegas, M. P. de Lagos; 6.º, José Veloso e José Manuel Fragoso, Clube de Vela de Lagos e 7.º, João Leal Branco e Fernando Ribeiro, M. P. de Olhão.

Em Moths, a que concorreram 5 embarcações, 1 representando o C. D. Os Olhanenses, 3 do C. V. de Lagos e 1 do Sport Lisboa e Faro, ganhou Daniel Santana, do S. L. F., seguido de Fernando Ferreira, do C. D. Os Olhanenses, e de Joaquim Costa, do C. V. de Lagos.

Embora já seja hábito o jovem Daniel Santana ganhar as regatas de Moths que se realizam no Algarve, a sua vitória, por correr num velho e pesado Moth e por ter havido pouco vento, e ainda pelo facto de dois dos seus adversários correrem em modernos barcos, muito melhores e mais leves, foi uma verdadeira surpresa, só devida à falta de atenção imperdoável de Fernando Ferreira... que se esqueceu de reparar quantas voltas estavam mar-

Conclui na 4.ª página

A CASA DO ALGARVE

pede a construção da pousada no Promontório de Sagres

REUNIU-SE a direcção da Casa do Algarve, que deliberou: agradecer ao governador civil, sr. dr. António Baptista Coelho, as demonstrações de carinho e apreço tributadas à colectividade durante a cerimónia inaugural do monumento a Bernardo de Passos; apoiar a ideia de se evocar, também em Faro, a memória do poeta com o descerramento de uma lápide na casa onde faleceu; dar o seu aplauso à local de «O Século» em que se chama a atenção dos poderes públicos para a urgência de se defender e valorizar o histórico Promontório de Sagres; apelar para o S. N. I. no sentido de neste local ser construída, quanto antes, a prometida Pousada de Turismo ou Estalagem Infantina; e congratular-se pela homenagem prestada, em Castro Marim, ao juiz-conselheiro sr. dr. João Bernardino de Sousa Carvalho, presidente da mesa da assembleia geral da Casa do Algarve.

BASQUETEBOL

TORNEIO DE ABERTURA

Com ruidoso entusiasmo, têm-se disputado os encontros a contar para o Torneio de Abertura de basquetebol, em que está em jogo a Taça «Fonte Santa».

1.ª jornada, 4 de Outubro de 1957

Sport Lisbos e Faro, 33
Sporting C. Olhanense, 50

(ao intervalo 15-30)

alinharam e marcaram:

S. L. e Faro: Pinto (2), Carvalho (2), Cavaco-Jorge (17), Correia (4), Xavier (2) e Alexandre (2).

S. C. Olhanense: Correia (8), Evaristo-Cravo (7), Pité (16), Brito (4), Estrela (2) e Flávio (15).

Árbitro: José Bruno; Marcador: José T. Gouveia; Cronometrista: Eduardo Pires.

Sporting C. Farense, 37
Lusitano F. C., 33

(ao intervalo 16-9)

alinharam e marcaram:

S. C. Farense: Vinhas (12), Eurico (4), Gago-Caronho (7), Estevinha-Mónica (1) e Bastardinho (13).

Lusitano F. C.: Carro (4), Gavino (8), Branco (15), Jara-Albano (6), Belião-Pinheiro-Leal.

Árbitro: Fernando Leitão; Marcador: José F. Gouveia; Cronometrista: J. Franco.

2.ª jornada, 8 de Outubro de 1957

Sporting C. Olhanense, 37
Sporting C. Farense, 50

(ao intervalo 22-22)

alinharam e marcaram:

S. C. Olhanense: Cravo (5), Pité (7), Brito (7), Estrela-Evaristo-Correia (8) e Flávio (12).

S. C. Farense: Bastardinho (5), Gago (9), Vinhas (18), Estevinha (4), Eurico-Campo (7) e Mónica (7).

Árbitro: Fernando Leitão; Marcador: José Rosa; Cronometrista: José Franco.

Ginásio C. O., 31
C. F. «Os Bonjoanenses», 43

(ao intervalo 14-18)

alinharam e marcaram:

Ginásio C. O.: Almeida-Rogério (2), Gonçalves (12), Frasão-Graça (2), Franco-Pinto (13) e Bruno (2).

Bonjoanenses: Brito-Aleixo-Mendonça (2), Ferreira (4), Caniço-Dias (11) Cruz-Jesuíno (11), Adelino (13) e Bernardino (2).

Árbitro: Gilberto Ferreira; Marcador: José Rosa; Cronometrista: Eduardo Pires.

Ontem disputou-se a 3.ª jornada, que comportou os seguintes jogos:

Ginásio C. O.-Lusitano F. C.
C. D. «Os Olhanenses»
C. F. «Os Bonjoanenses»

CAFÉ - RESTAURANTE
JANELAS VERDES
de LUÍS FÉLIX DA SILVA

Cerveja de barris
Mariscos - Vinhos Verdes
Serve almoços e jantares regionais
PREÇOS MÓDICOS
RUA DE AVEIRO, 37-39
Telef. 206 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

VENDE-SE
Piano Alemão
Marca RÖNISCH
(armação em ferro)
Informa-se nesta Redacção.

MOTORISTA
oferece-se, com carta profissional de pesados, ligeiros e tractores.
Idade 22 anos.
José Maria Vitorino
MONCARAPACHO

Aos apreciadores do bom café !!!
AS CAVES DO GUADIANA
Avenida da República — Vila Real de Santo António
têm a honra de participar à sua excelentíssima Clientela que contrataram com "LA PAVONI" a instalação, para ser brevemente inaugurada, da maravilhosa máquina de fazer café
"LILLIPUT 55"

Confiem nos óleos da CANFIELD
70 anos de experiência são a melhor garantia da excelência dos seus produtos
DISTRIBUIDORES:
SOCIEDADE COMERCIAL REMUS, L.DA
Rua do Comércio, 8 — LISBOA
AGENTES NO ALGARVE:
FARO — Augusto Sousa Teixeira
LAGOS — Escritório Técnico e Comercial do Sul
PORTIMÃO — António João Júnior & Irmão, Lda.
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Viúva de José Joaquim Capa & Filhos
À venda em todo o País
Wm. Penn MOTOR OIL 100% PURE PENNSYLVANIA

ADUBOS
SUPERFOSFATOS 15 %, 18 % e 42 % em pó e granulados.
SULFATO DE AMÓNIO — do Amoníaco Português e de «COBELAZ».
NITROCALCIAMON «COBELAZ» — com 20,5 % de azoto (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal.
SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26 % de azoto (7 % nítrico e 19 % amoniacal).
NITRATO DE CAL — com 15,5 % de azoto nítrico.
CIANAMIDA CÁLCICA — SULFATO DE POTÁSSIO e CLORETO DE POTÁSSIO
ADUBOS QUÍMICOS MISTOS, em pó e granulados.
SAPEC
GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL
Escritórios:
Rua Victor Cordon, 19. 1.º-Lisboa
Telefones:
36 64 26 - 36 64 27 - 36 64 28 - 36 64 29
3 07 15 - 3 07 16 - 3 07 17
Telegs.: «Sapec» — Lisboa
SAPEC SETÚBAL
Depósito em FARO
Largo do Camões, 10
Telef. 253

- VELA -

As regatas do Dia do Homem do Mar, em Lagos

Conclusão da 3.ª página

cadas no quadro de percursos do barco do júri.

Mais uma vez Daniel Santana continuou imbatível, graças à atenção com que corre e ao facto de não se impressionar com a classe e qualidade dos velejadores, velas e barcos adversários, e por saber que até ao final se pode ganhar uma regata, bastando para isso saber aproveitar um descuido ou um erro dos seus competidores. Em dois anos, no Algarve, Daniel Santana ainda não perdeu uma única regata de Moths.

Talvez por os mothistas de Lisboa saberem da forma de Vítor Varela, antigo campeão de Portugal, e das proezas de Daniel Santana, e que eles iriam correr ao Campeonato de Portugal com boas embarcações e com muitas probabilidades de trazerem, mais uma vez, o título de Campeão de Portugal para o Algarve, estes dois jovens não foram convidados a participar no Campeonato de Portugal deste ano, pois para os clubes de Lisboa e para os 26 dirigentes da F. P. V. (todos representantes de Lisboa), Portugal é só Lisboa e... só Lisboa é que deve ganhar campeonatos.

Classificação geral — (Classe Moth) — 1.º, Daniel Santana, S. L. Faro; 2.º, Fernando Ferreira, G. D. Os Olhanenses; 3.º, Joaquim Costa, C. V. de Lagos; 4.º, Agostinho Rocha, C. V. de Lagos e 5.º, Rui Lourenço da Luz, C. V. de Lagos.

Em Lusitos, a que só concorreram quatro embarcações, duas representando o Centro da M. P. de Faro, e as outras duas representando o de Lagos (inexplicàvelmente, nem a M. P. de Olhão concorreu em Lusitos), ganhou folgadameute e com um avanço impressionável o Jovem Francisco Paulo Viegas (o Quica), da M. P. de Faro, seguindo-se-lhe Mário Domingos Moreira, de Lagos, e António Gonçalves, de Faro.

«Mestre» Quica deixou bem vincada a sua vocação para a vela, pois em águas para ele desconhecidas e com ventos brandos e incertos, que mudaram de rumo várias vezes, conseguiu terminar a prova quando os outros três concorrentes ainda andavam à volta da rondagem da primeira baliza ou ainda muito próximos desta.

Classificação geral — (Classe Lusito) — 1.º, Francisco Paulo Afonso Viegas, M. G. de Faro; 2.º, Mário Dionisio Moreira, M. P. de Lagos; 3.º, António José Neves Gonçalves, M. P. de Faro e 4.º, Dionísio Rio Simões, M. P. de Lagos.

As provas do Dia do Hemem do Mar, em Lagos, cuja organização foi confiada ao Clube de Vela de Lagos e ao Centro de Vela da M. P. de Lagos, decorreram com natural brilhantismo, boa organização e com excelente camaradagem, não tendo havido um único protesto a assinalar.

Pena é que na encantadora baía de Lagos não se realizem frequentemente provas deste género e outras de maior projecção, pois as naturais condições das suas águas bem o merecem.

F. V.

Agência do Banco de Portugal em Portimão

Foi nomeado agente do Banco de Portugal em Portimão o sr. António de Matos Lampreia, que desde há anos exercia o cargo de guarda-livros da filial daquele banco em Beja.

Manuel da Silva Domingues
Agente das Tintas
«EXCELSIOR»
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

O vinho do Poço do Bispo

também se vende no Algarve

NÃO há reunião de vinicultores em que não se fale, em tom de áspera censura, contra os vinhos das adegas — há quem lhes chame vinhas — do Poço do Bispo, atribuindo todos eles a essas adegas farto quinhão de responsabilidade na nossa endémica crise vinícola.

Acreditamos que tais adegas ou vinhas operem o milagre que Cristo operou num transe de escassez de pão — multiplicar os almudes. E acreditamos, porque parte do vinho que se vende na capital do País e já alastrou à província, incluindo o Algarve, provém do tal Poço e não se recomenda pela qualidade. Mas, enquanto o dito Poço, que todos estamos convencidos não ter fundo e que apostamos continuará a deitar vinho, mesmo que sequem todas as videiras do mundo, faz largo reclamo da sua mercadoria e tem bem organizada a sua distribuição, as chamadas adegas corporativas, que nos garantem boa pinga, fecham-se num mutismo de catacumba, dando a impressão de que não lhes interessa lembrar ao consumidor que tem para venda um produto de confiança. Será isto processo de expandir as vendas e de banir a concorrência do Poço? Cremos que não! E a prova de que a nossa crença é acertada é que se vende no Algarve vinho de extra-muros, quando o temos cá e do bom — mas em segredo.

TALVEZ não saiba...

◆ *Que no ano findo, em Nova Iorque, por não terem obedecido às luzes da circulação, morreram 155 transeuntes e ficaram feridos 3.352.*

◆ *Que as centrais de energia atómica consideram-se já antiquadas, desde que os cientistas russos conseguiram transformar hidrogénio em hélio, à temperatura normal.*

◆ *Que a Holanda exportou o ano passado 2.435 milhões de ovos, no valor de dois milhões 647.500 contos, classificando-se assim esse país como o primeiro exportador de ovos do mundo.*

◆ *Que o número de alunos das escolas técnicas, no presente ano, é de 50.712.*

◆ *Que Descartes, o eminente filósofo francês, admitia estar a alma localizada na glândula pineal.*

◆ *Que, no México, três milhões e meio de pessoas se dedicam ao cultivo da terra, e que a agricultura, naquele país, produz muito mais do que a exploração do petróleo ou a mineração.*

◆ *Que em 31 de Dezembro findo era de 109.610 o número de telefones em Lisboa.*

◆ *Que os Kubus, homens primitivos das florestas da Sumatra, ainda vivem na idade da pedra lascada, sendo por isso considerados pelos cientistas holandeses como «fósseis vivos».*

MATRÍCULA DE ALUNOS EXTERNOS NO LICEU

DA Reitoria do Liceu Nacional de Faro, pedem-nos a publicação da seguinte notícia:

A publicação do Decreto-lei n.º 41.192, que se refere à obrigatoriedade ou dispensa de matrícula de alunos externos do ensino liceal deu origem a equívocos, que estes serviços têm esclarecido, à medida que os interessados vão aparecendo e expondo os seus casos individuais.

Podendo, todavia, suceder que alguém venha a ser prejudicado por uma má interpretação — sua ou alheia — daquele diploma legal, esclarece-se o seguinte, de acordo com o texto do Decreto referido e com as Circulares n.º 2.120 e 2.128 da Direcção Geral do Ensino Liceal:

a) — Em geral, ficam sujeitos a matrícula anual nos estabelecimentos de ensino oficial todos os alunos do ensino externo com menos de 21 anos de idade antes do início do ano escolar, que pretendem fazer exame.

b) — São, contudo, dispensados dessa matrícula:

1) — Todos aqueles que, completando 18 anos antes do início do ano escolar se encontrem empregados. Desta situação terão de fazer prova por declaração da entidade patronal, confirmada pelo sindicato respectivo.

Estes alunos provarão, além disso, que frequentam um curso nocturno em estabelecimento, ou são ensinados por professores devidamente diplomados, consistindo essa prova na apresentação de uma declaração do director do estabelecimento ou do professor, consoante os casos.

2) — «Os alunos que *provem ter iniciado sem matrícula oficial*, ao abrigo da legislação anterior, os estudos do 1.º ou do 2.º ciclos dos liceus...» (parágrafo 4.º do art.º 1.º do Decreto n.º 41.192).

c) — «Poderão ser autorizados a matricular-se nos 2 anos do 3.º ciclo do ensino liceal os alunos que completem 20 anos até 15 de Junho de ano lectivo em que se matriculam», (parágrafo 2.º do art.º 1.º da legislação citada).

d) — «No ano lectivo de 1957-1958 podem matricular-se cumulativamente no 6.º e no 7.º anos os alunos que tenham sido aprovados anteriormente a 1957-1958 nas 2 secções do 2.º ciclo, embora com deficiência numa disciplina de qualquer das secções», (parágrafo 3.º do Decreto referido).

—

Atendendo a que está a findar o prazo (até 15 de Outubro) para matrícula dos alunos externos, torna-se urgente que todos os interessados que tenham dúvidas sobre a sua situação escolar, mesmo depois da publicação desta nota, procurem esclarecer-se sobre os seus casos pessoais na Secretaria do Liceu.

Esclarece-se, complementarmente, que estes serviços não podem fornecer informações pelo telefone, pelo que cada interessado as deverá colher pessoalmente, ou por interposta pessoa.

Reitoria do Liceu Nacional de Faro, 8 de Outubro de 1957.

Conferência sobre o turismo algarvio

Na Casa do Algarve, no dia 24, às 21 e 30 horas, realiza uma conferência sobre a sua última viagem à Itália e o turismo algarvio o sr. dr. Amadeu Ferreira de Almeida.

FUNCIONALISMO

Foi aumentado com mais um copista o quadro do pessoal do Tribunal da comarca de Vila Real de Santo António.

Pense nos que são MAIS POBRES

Depois de uma doença, sobram quase sempre alguns remédios (comprimidos, injecções, xaropes, etc.). Não os inutilize. Entregue-os ao hospital ou ao posto de socorros da sua terra. Eles ajudarão a aliviar os padecimentos dos mais pobres.

NECROLOGIA

D Matilde Clemente Fernandes

Faleceu a sr.ª D. Matilde Clemente Fernandes, de 68 anos, natural de Vila Real de Santo António, onde residia.

A extinta era casada com o sr. José da Conceição Fernandes, pai das sr.as D. Olga Clemente Fernandes Geneslay; D. Josefa Clemente Fernandes Vasconcelos; D. Dolores Clemente Fernandes Samúdio e D. Maria Candelária Clemente Fernandes e dos srs. José da Conceição Fernandes, Narciso e Manuel Clemente Fernandes, e sogra das sr.as D. Etelvina Rodrigues Fernandes, D. Maria Helena Peres Fernandes e D. Inácia Fernandes e dos srs. José Geneslay, Delmonte de Vasconcelos, Tiago Samúdio e Avelino Fernandes.

À família enlutada «Jornal do Algarve» apresenta sentidos pêsames. Funeral a cargo da Agência Viegas.

Também faleceram:

Em SETÚBAL — o sr. dr. Francisco Anselmo da Silva Matos, de 43 anos, solteiro, médico em Aljezur, natural daquela cidade. Era filho do sr. Francisco da Silva Matos, já falecido, e da sr.ª D. Maria Jacinta Anselmo da Silva Matos, irmão da sr.ª D. Maria Adelaide Matos Perianes, casada com o sr. Rogério Perianes, industrial e tio da menina Maria Catarina de Matos Perianes.

Em CACILHAS — a sr.ª D. Catarina da Conceição Nobre, de 63 anos, natural de Portimão, mãe das sr.as D. Gilberta e Noélia da Conceição Nobre e dos srs. Joaquim Ramos Nobre, António e Mário da Conceição Nobre.

Em ALGÉS — a sr.ª D. Ana de Jesus Palhinha, de 70 anos, natural de Albufeira, casada com o sr. Manuel Ramos Palhinha.

Em LISBOA — o sr. José Boto da Encarnação, de 46 anos, proprietário, natural de Bûdens (Vila do Bispo), casado com a sr.ª D. Maria Augusta da Silva Glória. O funeral realizou-se para o cemitério daquela localidade.

A FABRICA PORTUGAL

tem a honra de apresentar o melhor e o mais económico colchão de molas do mundo

EPEDA

com o seu famoso molejo de um único fio de aço indeformável e indestrutível.

INDIFERENTES AO TEMPO E AO USO

SEM NÓS NEM PONTAS DE ARAME • SEM DESGASTE INTERIOR • EXTRAORDINÁRIA RESISTÊNCIA A PRESSÃO • CONFORTO IDEAL • SEMPRE FOFO E ELÁSTICO • SILENCIOSO • HIGIÊNICO • AMOLDA-SE SUAVEMENTE A QUALQUER POSIÇÃO DO CORPO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

EM LISBOA:
FABRICA PORTUGAL
RUA FEBO MONIZ • RUA DA GRAÇA
PRAÇA DOS RESTAURADORES
NO PORTO:
JOÃO TOMAZ CARDOSO & FILHO, Sucrs. LDA.
RUA SÁ DA BANDEIRA, 92

ÓCIOS DE UM ESPÍRITO SONOLENTO

O HOMEM que se casa com mulher leviana deve ter cem olhos, como Argos, mas todos abertos, pois que este conservava cinquenta fechados; cem braços, como Briaréu, e deve carpintejar a porta da sua casa ornada de víboras, como a de Nifleim, pondo sobre o telhado o lobo monstruoso que a guardava.

*

UMA só mulher é mais perigosa para o homem do que um punhado delas. Muitas interessam-nos apenas os sentidos. O coração nada tem para dizer-lhes.

*

SE a menina quer saber se está em condições de amar, consulte o seu espelho; e quando for mulher e já tiver amado, pergunte-lhe se ainda não chegou a hora de parar.

*

A SAÚDE na gente velha e a honra na donzela têm isto de comum: devem ser olhadas com o mesmo zelo, para que não se percam.

*

UM minuto a mais é um minuto a menos na vida do homem.

*

HÁ uma primeira morte, que é a doença. A outra vem a seguir ou custa a vir, mas vem.

*

O ALCOOL é o mais diligente de todos os coveiros. Os cemitérios andam cheios de covas que ele abriu.

*

NAS inscrições sepulcrais pouco há de verdadeiro, se lhes tirarmos o nome do morto e as datas. Tudo o mais é mentira branca, ditada pela lisonja ou pela vaidade. Nem aí encontra agasalho a verdade, que é menos feliz do que o morto.

*

NA memória dos velhos passam, frequentemente, os fantasmas dos dias felizes, cuja realidade ficou sepultada nos tempos que não retornam senão espiritualmente.

*

A FAMÍLIA do velho sonolento deve tomar providências junto das casas funerárias.

J. Alvarez Sénior

AOS NOSSOS prezados assinantes

A fim de evitar dificuldades ao nosso serviço de expedição e para que os nossos estimados assinantes não sofram interrupção no envio do "Jornal do Algarve", rogamos a fineza de nos avisarem, por simples postal, de qualquer mudança de residência ou alteração do endereço habitual, por motivo de férias.

Notas & Reparos

Esclarecimento oportuno

Versando-se, há dias, à mesa do café, o tema «cartas anónimas», um nosso amigo, de veia contraditória sempre afiada — ou, como agora se diz, *amigo da onça* — disparou-nos esta flecha:

— Ó amigo jornalista, como se compreende que vocês verberem, no último número lá da gazeta (aliás, com razão e acerto), a baixeza do anonimato, e afinal estejam constantemente a publicar locais, artigos e até secções sem qualquer assinatura de autor?! Não será isto uma incoerência?

Efectivamente, é o que parece, à primeira vista, a quem desconheça as praxes dos jornais e queira apreciar o assunto à ligeira. Mas a pseudo-incoerência esclarece-se fàcilmente:

Todas as publicações periódicas têm sempre, pelo menos, dois responsáveis por tudo o que lá vier publicado sem assinatura — o director e o editor — cujos nomes vêm estampados no frontispício da publicação, em todos os números. Segue-se, portanto, que a prosa que sair a lume sem assinatura expressa, sob pseudónimo ou com iniciais, é coberta pela responsabilidade daquelas duas entidades e nunca pode considerar-se anónima.

Quem redigiu o texto ou forneceu os elementos informativos? Isso é assunto particular da organização interna do jornal, que a mais ninguém interessa saber. De resto, tal é prática corrente, há muito, em quase todos os jornais e revistas do mundo.

Deduz-se, portanto, claramente, a sem-razão do reparo do nosso amigo e de quem navegar nas mesmas águas...

As árvores da Avenida

Uma das características do elevado expoente de civilização atingido pelos povos nórdicos, no âmbito moral e social, é — além do amor e protecção aos animais — o seu acendrado carinho, quase culto, pelas plantas, e especialmente pelos relvados e arvoredo. Com efeito, mais do que qualquer outro índice, estes dois aspectos educativos da sua mentalidade revelam imediatamente o grau de aperfeiçoamento espiritual daquelas nações, cujos nativos bebem com o leite materno os ensinamentos e os exemplos do que deve ser a posição do homem em relação às outras criaturas vivas do nosso planeta, que o rodeiam e que o Supremo Criador destinou ao seu serviço.

Isto sucede lá para o setentrião, entre os escandinavos, baltas, eslavos, germânicos, anglo-saxões, franceses e povos confinantes que beneficiam do mesmo tipo de civilização, porque cá por estas paragens meridionais é o que nós sabemos...

No nosso tempo escolar, vai já para a quarentena, lembra-nos de que surgiu um dia um surto de propaganda educativa a favor da árvore, inspirado por algum idealista mais rico em optimismo que em senso das realidades nacionais. O movimento parece que se confinou aos estabelecimentos de ensino oficial; compuseram-se e cantaram-se hinos à árvore, houve plantações simbólicas de arbustos nas escolas que tinham quintal e outros actos ingénuos sem consequências de maior, porque a exaltação do idealista que lançou a ideia resultou efémera, como os ministérios dessa época... Sucedeu que, logo a seguir ao início das «Escolas, semeai!», apareceu alguém de luminosa argúcia que adivinhou, na incipiente propaganda da árvore, misteriosos manejos maçónicos, quiçá porque o fautor do movimento dendrófilo fosse, ou lhe atribuíssem o terrífico labéu de pedreiro-livre. Como quer que fosse, o certo é que o impulso inicial não tardou a esmorecer, afogado pelos receios e desconfianças dos timoratos.

Como sempre acontece, gerou-se em seguida a reacção contrária, a qual parece ter chegado até aos nossos dias, em que vimos assistindo ao que se vai praticando por esse País fora, no capítulo amor e protecção da árvore e carinho pelos animais nossos amigos. Mas deixemos as ideias gerais e venhamos ao nosso «rincão»:

Sendo nós um infatigável passeante pelas ruas da nossa terra, nunca deixámos de acompanhar, nas nossas deambulações, dia a dia, o que se tem feito no nosso lindo jardim marginal e no resto da vila, botànicamente falando... E surgiu hoje a ocasião de manifestarmos alguns reparos sobre o que todos podem ver, a fim de que a entidade interessada, o Município, tome providências adequadas, se acaso não as tiver já ordenado quando estas notas saírem à publicidade.

Entre as árvores da Avenida da República, notam-se muitas secas e outras partidas, o que talvez se tivesse evitado se fossem oportunamente protegidas por espeques, para lhes dar firmeza contra as nortadas que as derrubam ou estropeiam. Trata-se de árvores de porte esguio que, a não serem protegidas no crescimento, nunca poderão atingir o estado adulto. Isto de plantar árvores, e deixá-las ao Deus dará, não dá resultado!

Quanto à fila de árvores denominadas «pompons», que se vêem no Jardim, junto ao passeio, para essas parece ter havido um pouco mais de atenção, pois estão bonitas, mas de todas as outras, denominadas «acácias», as que não estão quebradas estão secas, e as que não estão nem partidas nem secas estão caídas, havendo ainda outras que, em vez de terem rebentado por cima, estão a brotar junto ao solo.

Se todas as árvores tivessem sido das «pompons», toda a avenida estaria hoje linda, como se vê pela amostra do jardim, cujas árvores já dão sombra e embelezam aquela artéria. No entanto, compreendemos que se quis procurar a variedade de espécies. Mas, neste caso, cuidassem-nas devidamente.

Agora, que chegou a feira, achamos oportuno que os serviços competentes cuidem delas, para se evitar que as que restam tenham idêntico destino.

O fornecimento de listas telefónicas

A propósito do nosso reparo sobre a demora na entrega das listas telefónicas, informa-nos a Administração Geral dos C. T. T. de que a demora foi provocada pela tipografia encarregada da impressão das listas e que quando a nossa local saíu a lume já estas tinham sido entregues aos C. T. T. e a sua distribuição iniciada. Em Vila Real de Santo António, foram as listas recebidas em 7 de Agosto, após o que se procedeu à sua entrega aos assinantes.

À CONSTRUÇÃO CIVIL

CHAPAS DE

AGLOMERADO DE CORTIÇA

CAFI

PARA ISOLAMENTO

DEFESA DAS HABITAÇÕES CONTRA O FRIO E O CALOR

IDEAIS PARA VARANDAS E TERRAÇOS

CANELAS & FIGUEIREDO, L.DA

Telefones 25058, 24502 e 21729 — R. Fanqueiros, 46 — LISBOA

FÁBRICAS EM LAGOS

FOI GALARDOADO

um garoto Vilarrealense

por um acto de abnegação

EM princípios do mês passado, no sítio do Lazareto, um pobre cão foi selvàticamente espancado à paulada na cabeça e atirado, depois, ao mar. Decerto teria morrido afogado, se um rapazito de 15 anos, que perto assistira à cena, não se tivesse atirado à água para o salvar. Do caso que, como é natural, causou a maior repulsa, teve conhecimento a Sociedade Protectora dos Animais, a qual mostrou logo desejos de premiar o gesto nobre e altruísta do rapazito, Josefino de Sousa Parra, filho dos operários conserveiros sr. António de Sousa Parra e D. Maria Cavém de Sousa Parra, moradores no Bairro Municipal.

Com essa finalidade, realizou-se, no salão nobre dos Paços do Concelho, no passado sábado, 5 do corrente, uma sessão solene, a que presidiu o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal, ladeado pelos srs. Pedro Cândido Martins Socorro, vice-presidente do Município, e Nicolau Felgueira da Silva, presidente daquela benemérita Sociedade, que propositadamente se deslocou de Lisboa para o efeito. Presentes também, além da vereação municipal e de outras entidades, deputações de bombeiros e escuteiros e muitas senhoras e crianças.

Falou, em primeiro lugar, o sr. Felgueira da Silva, para exaltar a actividade dos nossos bombeiros, cuja missão consiste igualmente na defesa e salvação das vidas dos animais, militando, da mesma forma, no campo humanitário em que a Sociedade Protectora dos Animais exerce a sua meritória acção. Falando depois às crianças, que em grande número enchiam a sala, exortou-as a que seguissem o exemplo do Josefino.

Seguidamente, e a convite do orador, o sr. presidente do Município colocou a condecoração no estandarte dos bombeiros e a sr.ª D. Alice Dagnino pôs a medalha ao peito do Josefino de Sousa Parra, que também recebeu um sobrescrito contendo um prémio pecuniário. Estes actos foram sublinhados com fortes e prolongadas salvas de palmas da assistência.

Falou ainda o sr. Luís Cardoso de Figueiredo, comandante dos voluntários locais, que agradeceu o galardão que acabava de ser dado à corporação do seu comando e terminou verberando, com indignação, o procedimento desumano dos que infligem maus tratos aos animais. Ao encerrar a sessão, o sr. Matias Sanches disse da sua satisfação em ter presidido à mesma, pois actos como o daquele garoto não dignificam e enobrecem sòmente quem os pratica, mas honram também a terra que os viu nascer, e o Josefino de Sousa Parra é de Vila Real de Santo António, que muito se orgulha em tê-lo como filho.

Adubos para a Lavoura

O «Mira Terra» trouxe para a nossa Lavoura 500 toneladas de superfosfatos nitro-amoniacal e sulfato de amónio.

Festa a Nossa Senhora ao Pé da Cruz

EM PADERNE

PADERNE — Realizam-se amanhã a festa de Nossa Senhora ao Pé da Cruz e a segunda feira anual, que deve registar grande concorrência. No templo efectuam-se as habituais solenidades, e às 17 horas sairá a procissão, acompanhada pela banda local.

Serviços Municipalizados de electricidade de Faro e Tavira

O sr. ministro da Economia aprovou as deliberações das Câmaras Municipais de Faro e Tavira no sentido de serem municipalizados os serviços de distribuição de energia eléctrica em ambos os concelhos.

IMPRENSA

"LITORAL"

ENTROU no IV ano de publicação o nosso prezado colega «Litoral», de Aveiro», de que é director o brilhante jornalista e nosso amigo, dr. David Cristo. Semanário dos melhores do País, com um grupo de colaboradores de reconhecidos méritos literários, «Litoral» foi um dos pioneiros da renovação da Imprensa da província, contribuindo para o seu arejamento e valorização literária. Honrando Aveiro, terra de notáveis tradições jornalísticas, «Litoral» honra a Imprensa provincial. Abraçamos o seu director e fazemos votos pelas prosperidades do brilhante semanário que, com entusiasmo, vela pelas prosperidades da linda e amiga cidade de Aveiro.

"VOZ DO SUL"

ENTROU no 43.º ano de publicação o nosso prezado colega silvense «Voz do Sul», dirigido desde a fundação pelo nosso amigo Henrique Martins. Quarenta e três anos é uma vida e não há dúvida de que durante esse dilatado período «Voz do Sul» tem cumprido o seu programa de defesa da antiga capital algarvia e dos princípios ideológicos que obedeceram à sua razão de ser. Que conte muitos mais anos, são os nossos desejos.

Cine-Foz

DOMINGO, o extraordinário filme português ***Um homem do Ribatejo.***

(Para maiores de 12 anos).

TERÇA-FEIRA, o belo drama italiano ***Os filhos não se vendem,*** com Lea Panovani e Antonella Lualdi.

(Para maiores de 17 anos).

SENHORES LAVRADORES:

Aproxima-se a nova campanha cerealífera e, como sabeis, o êxito das vossas culturas começa por depender do emprego de sementes boas e sãs.

A escolha das variedades mais adequadas pertence-lhe, Sr. Lavrador, mas a defesa sanitária das sementes pertence ao

TRITISAN

Desinfectante especial a seco para combater a CÁRIE ou FUNGÃO do trigo

TRITISAN — NÃO É VENENOSO
TRITISAN — É 100 % EFICIENTE
TRITISAN — É MUITO ECONÓMICO

Acaba de chegar uma remessa da Alemanha, estando o seu fornecimento assegurado

Exija sempre **TRITISAN** com a marca

HOECHST

À venda nos Grémios de Lavoura, agentes regionais e nos distribuidores em Portugal

SOCIEDADES REUNIDAS REIS, L.DA

LISBOA, Rossio, 102 — PORTO — PAMPILHOSA

O filme em séries

ou as quatro barras da Fuseta

Conclusão da 1.ª página

ções de automóvel e o chapéu do «rapaz» não cai! Começa assim e só termina com a morte do chefe dos criminosos, que cai dentro duma caldeira de água a ferver.

Existe, porém, um pormenor interessante, se interessante se lhe pode chamar. No entanto, há quem goste. Ao passar da hora e meia de projecção, o filme começa invariàvelmente a repetir diversas cenas anteriores, vendo-se novamente a fábrica que explode e vai pelos ares; o «rapaz» que salta em pàraquedas do avião em chamas; a bomba de relógio que está sob o banco de determinada carruagem dum gigantesco comboio; etc, etc. Há certas passagens que até se sabem de cor.

— Olha, olha! Agora o camião, com o foguete da morte, vai tombar por aquela ribanceira! Estás a ver, estás a ver? Daqui a instantes, raptam o velho cientista. Pronto! Eu não te dizia?

E assim, sucessivamente.

— Eh, pá! Isto chega a aborrecer!

Contudo, embora pareça impossível, é um desses filmes em séries, de cenas semelhantes e arrasadoras, que está em exibição há alguns anos, ininterruptamente, no «ecran» dum cantinho feliz e pitoresco da encantadora província do Algarve.

Título: — A Barra e a Regueira. Cenário: — Fuseta. Personagens: — O Pescador, O Mar, A Lama e A Areia. Argumento: — O Pescador que tenta ganhar a vida como Cristo manda e uma seita formada pelos três últimos personagens, a impedir traiçoeiramente os seus intentos.

Mal o «ecran» se ilumina e a imagem surge com nitidez, fica-se logo convencido de que o filme, como todos do género, é uma autêntica sucata. Basta saber-se que é totalmente passado em dois sítios, como o próprio título indica: na Barra e na Regueira. No entanto, como atrás se disse, há quem goste!...

Primeiramente, vê-se uma fita de areia, muito delgada e meio desfeita, contra a qual as ondas batem, encarniçadamente. Segundo consta e narram os mais velhos, era uma grande ilha; porém, hoje, está muito aquém de merecer esse nome.

O tempo, a Natureza, não perdoam. E a ilha foi-se partindo em vários pontos, abrindo canais, que os pescadores alcunharam de barras.

— Temos já quatro barras na Fuseta, hein? Maravilhoso! O pior são as «suestadas». É preciso muito cuidado!

Senão, quando o pescador tenta passar por qualquer delas, vem de lá um pedaço de mar e zás, cai-lhe em cheio sobre a embarcação. Parte-se o mastro, rasga-se a vela, desaparece a fateixa e o peixe, que foi pescado com tanto sacrifício, volta ao seu elemento. Contudo, não mais prestará. Está morto!

Chovem pragas, maldições. Arrasta-se o barco meio desmantelado para cima da ilha e enxuga-se a roupa ao sol doirado. O peixe, que era o ganho dum dia de trabalho, é que ninguém já consegue apanhar! O pescador olha para o céu. Graças a Deus, escapou com vida. Podia ser pior!... Bastas vezes há em que se luta afanosamente com os elementos em fúria. E se a vida se perde, existe sempre uma família que se veste de luto, uma mulher e umas criancinhas que ficam sem pão.

— Maldita barra!...

E um ódio intenso cai sobre o oceano sem fim. Tu nos dás, mas traiçoeiramente levas a juros elevados! Mas o Mar, a Lama e a Areia riem-se, escarninhos:

— Pudera. Ninguém lhes faz frente! Se aparecesse um daqueles monstros de ferro, com garras potentes que agarram em toneladas de areia e as lançam bem para longe, não se riam assim! Lutamos sòzinhos, estamos desacompanhados. Que havemos de fazer?

— Paciência, é preciso paciência!

— Qual paciência!... Com paciência ganha-se o céu, mas não se ganha a vida!...

(Aqui há um pequeno intervalo).

Recomeça a projecção, vê-se a Regueira!

Regueira, é favor. Pode lá chamar-se regueira àquele estreito fio de água que serpenteia em redor dum vasto areal e que só dá passagem aos barcos quando a maré está cheia?

Regueira será, de facto, um belo cognome. Pena é que durante a baixa-mar nem um pequeno bote tenha possibilidade de passagem. As embarcações maiores: canoas ou «caçadeiras», estas últimas assim chamadas por andarem na faina da «caçada», pesca da pescada, só se aproximam do cais quando as enchentes o permitem. Caso contrário, ai daquele que se distraia um pouco, quando começa a vazante. Fica varado na lama ou na areia e nem todos os esforços humanos ou mecânicos o conseguem arrancar dali.

— Não te descuidasses!...

E assim perde de sair para o mar, por via disso. Os homens da companha, que poderiam amealhar mais alguns cobres no fundo da bolsa, resmungam, descontentes, e dizem que o mestre não sabe governar.

— Qual mestre! É o barco que «dana» muita água!...

Andam encostados às paredes, metem-se em casa ou no café e pensam na pescaria que os outros a estas horas terão feito na Beirinha ou no Charnal.

— Porcaria de regueira!

Hoje aconteceu a este. Amanhã acontecerá àquele.

— Vai para Olhão, não sejas parvo! Em Olhão tens sempre água. Podes entrar e sair à vontade!...

— Qual? Ir para Olhão, se tenho mulher e filhos à minha espera? Passar mais uma noite fora de casa?

— Ah, não queres? Então marimba-te!...

(E o filme em séries continua a desbobinar. Mas neste caso, em vez de aborrecer os espectadores, coisa curiosa, aborrece mais os próprios intérpretes. Intérpretes-pescadores, claro).

Bem se fartam eles de acelarar a máquina, quando o barco fica encalhado. Muitos põem-se à borda, a empurrar com remos e grossas varas.

—Vá, mais uma vez! Oóóóóiiii!...

O suor cai-lhes em bagas na testa. Sentem as camisolas de lã encharcadas contra o corpo.

O motor faz uma barulheira infernal. Tuc, tuc, tuc.

— Dá à ré — grita do leme o mestre, em voz estridente, para o motorista que com a cara suja de óleo espreita pela abertura da cabina.

Ouve-se um ruído surdo.

As pás das hélices giram em sentido retrógrado e o barco, arrastando a quilha pelo lodo e pelos caramujos, consegue navegar uns metros, penosamente.

— Agora avante, à força toda!...

O motor, espicaçado, solta um longo mugido.

A água marulha e cobre-se de espuma à popa, e a embarcação, impulsionada pelos 40 HP parece querer saír daquele atoleiro mal cheiroso. Chega mesmo a percorrer uma pequena distância.

Os homens da companha respiram, aliviados.

— Custou, mas foi, bolas!

Mas, eis que de repente caem uns sobre os outros.

— Aguenta-te!

— Rás ta parta esta...— e o mestre solta uma imprecação.

O barco foi parar mesmo sobre um malfadado banco de areia que há junto ao cais.

Cá de terra olham para a cena, encolhem os ombros e cospem restos de tabaco na água turva, onde se vêem pedaços de botas e cabeças de peixes.

— Então eles não sabem que é assim todos os dias? Que esperam dum filme em séries?...

E a projecção termina com o Mar, a Lama e a Areia a sorrirem, sarcàsticamente.

Por seguras fontes de informação, sabe-se que já há alguns meses se enviou uma petição ao senhor ministro das Obras Públicas, para que o pequeno porto da Fuseta transitasse do domínio da Hidráulica para a jurisdição da Junta Autónoma dos Portos. Contudo, até agora, não se sabe de resolução alguma.

Não se compreende, pois, que o porto da Fuseta, que tanto contribui para a riqueza do País, sendo os seus pescadores admirados e respeitados em todo o mundo, desde as formosas praias do Algarve às gélidas regiões da Terra Nova e Gronelândia, se encontre tão abandonado.

De facto, vai sendo tempo de os senhores empresários substituírem o «tal filme em séries»!...

João de Deus

O ensino no Algarve

O professor da escola masculina da sede do concelho de Faro, sr. Afonso Malaquias Domingues, foi nomeado delegado do director do distrito escolar naquele concelho.

— Foi concedido aumento de vencimento, correspondente à terceira diuturnidade, à professora da escola da sede do concelho de Loulé, sr.ª D. Maria de Jesus Sousa Luís.

— O sr. José Monteiro de Oliveira, delegado do director do Distrito Escolar de Faro no concelho de Albufeira, foi exonerado do referido cargo. Em sua substituição, foi nomeada a sr.ª D. Maria Margarida Matias do Nascimento, professora da escola masculina da sede daquele concelho.

— As regentes sr.as D. Amélia Maria Vilão Pereira, D. Maria da Silva Marques e D. Idalina Maria do Nascimento, foram nomeadas, respectivamente, para os postos escolares do Monte de S. Marta (Alcoutim), Três Figos (Monchique) e Eiras Altas (Tavira).

— Foi exonerada, a seu pedido, a regente do posto escolar de Poço Barreto (Silves), sr.ª D. Maria Helena de Sousa Pedrosa.

— Foram autorizadas a prestar serviço no distrito Escolar de Faro, durante o próximo ano lectivo de 1957-1958, as regentes do quadro de agregados do distrito Escolar de Beja, sr.as D. Bernardete da Conceição, D. Maria Amália Godinho Damásio, D. Maria José Gomes e D. Mariana da Silva Dias.

— BARDAHL —

JORNAL do ALGARVE

O AEROPORTO DO ALGARVE

Conclusão da 1.ª página

na altura própria, com as verbas simbólicas que se pediam — e o Algarve ficou sem ele.

Digam-nos se isto não foi insensato, se isto não revelou flagrantemente a tal mentalidade do aldeão que adoece de inveja só porque a estrada nova passa a dez metros da porta do seu vizinho? Não pondera o egoísta que fazê-la passar pela sua porta criaria dificuldades técnicas e exigiria verbas que desfalcariam o património comum! E foi esta apreciação tacanha de um problema de interesse regional que impediu se transformasse em realidade uma obra de incalculável vantagem para o Algarve e para o País.

Não vamos, no que respeita ao aeródromo, cair na mesma confusão portuária que tanto dinheiro tem custado à Nação, sem a menor vantagem para a economia regional. É necessário que problemas desta envergadura sejam vistos, não segundo os caprichos ou interesses de A ou B, mas de harmonia com os interesses regionais. E' necessário que os governantes sejam honestamente informados, para que se lhes não assaque, em última análise, a responsabilidade de erros que os outros cometeram e que eles sancionaram na melhor boa fé, supondo que agiam de acordo com os interesses do País.

Neste caso do aeroporto, entendemos que todos devem trabalhar em comum, para que se consiga tão importante melhoramento. Não interessa que ele seja feito aqui ou além. O que se impõe é que se faça. Os técnicos dirão onde ele deverá ser implantado. E não venham depois os insatisfeitos hereditários sugerir que ficaria melhor aqui ou melhor ali, ou que se construa um nos sapais de Castro Marim, outro nas salinas de Olhão e ainda outro nos salgados de Alvor. A história dos portos não pode voltar a repetir-se. Escolha-se o local próprio e peçamos ao Governo, todos à uma, de Vila Real de Santo António a Vila do Bispo, que se faça o aeroporto onde os técnicos entenderem que ele deve ser feito. E não há dúvida de que esse melhoramento não interessa só o Algarve mas o País. Não se compreende que oferecendo esta província, pela ausência quase total de nevoeiros, recurso seguro para a descida de emergência dos aviões que, por falta de visibilidade no aeroporto de Lisboa, têm que ir pousar, como recurso, a Casablanca ou Madrid, não se aproveitem essas condições singulares, evitando-se graves transtornos às companhias de navegação e demoras arreliantes e prejudiciais aos passageiros. Além de que se valorizaria o turismo regional com a criação de carreiras entre o Porto, Lisboa e o Algarve e a escala dos aviões da carreira Lisboa-Marrocos.

Confiemos na boa vontade do novo director da Aeronáutica Civil, mas temos de confiar também na unanimidade de todos os algarvios, porque se estes pedirem aeródromos com o mesmo à vontade com que pedem portos, então, com licença, deixem-nos passar, que vamos lá fora!

Dois antigos mapas
DA COSTA DO ALGARVE

Conclusão da 1.ª página

modestíssimos. Olhando o recorte da costa, verificámos que o estuário do Arade era então amplo e que de Tavira à foz do Guadiana se estendia uma ilha com uma boca aberta em frente de Tavira. Um outra ilha alastrava para Oeste até á barra de Faro, obstruída por uns baixios, além da qual ficava uma boca denominada Barreta, abrindo-se ainda uma outra barrinha, mais a Oeste, no Cabo de Santa Maria. A barra do Guadiana apresentava então duas bocas, a que oferecia, segundo o mapa, quatro braças, a Leste e a outra, mais modesta, a Oeste, conhecida até há poucos anos por Golada e que hoje já não existe, a não ser nas marés vivas, mas sem utilidade para a navegação. Estes velhos mapas ensinam alguma coisa que aproveita aos entendidos. Ensinam, por exemplo, que o assoreamento da costa algarvia é pertinaz e inexorável, que ele se manifesta de Oeste para Leste e que barras que há três séculos ofereciam alguma segurança e fundos aceitáveis constituem hoje autênticas ratoeiras, com a surpresa desagradável de em poucos dias mudarem a sua entrada, fechando aqui e abrindo ali, com uma sem-cerimónia arreliante. Veja-se, por exemplo, o caso de Tavira. Umas vezes entra-se por Cacela, outras vezes entra-se por onde lògicamente devia estar a porta. E não correm as coisas melhor na barra do Guadiana. Cada vez se acentua mais a sua deslocação para Leste. E tempo virá — se antes disso não se tentar reabrir a barra no enfiamento do rio, como ainda a conhecemos no nosso tempo — em que teremos de entrar no Guadiana por alturas de Huelva. Nesse tempo, porém, já uma parte do litoral algarvio, hoje semi-submerso, estará transformado em magníficas terras de regadio, produzindo sumarentas laranjas e volumosos repolhos. Lembremo-nos de que as galeras fenícias subiam outrora até às proximidades de Estoi, no rio seco, onde, segundo os historiadores, foram encontradas argolas, que serviam de amarração a esses barcos. E Estoi (Ossónoba), fica hoje a muitos quilómetros da costa. Que os mapas que reproduzimos e o estudo dos caprichos telúricos da costa algarvia aproveitem à curiosidade dos técnicos, são os nossos desejos. Se não aproveitarem, constituem, no entanto, uma curiosidade para os leigos, que a ficaram a dever ao nosso amigo Jorge Arez de Mascarenhas, impenitente investigador e algarvio de boa raiz.

É urgente proceder-se
à construção do dispensário
antituberculoso de Olhão

Conclusão da 1.ª página

tituto, onde fez saber que para a edificação do dispensário poderiam ser utilizados os 50 contos, produto da venda do terreno que fora adquirido para tal fim pelo Grémio dos Industriais de Conservas. Tudo parecia arrumado, mas constata-se que o tempo vai decorrendo, o dispensário não se constrói e o dinheiro continua nos cofres da Fazenda Pública. E a verdade é que é absolutamente indispensável esse melhoramento, pois a brigada de rastreio do I. A. N. T., na sua passagem por esta vila, verificou que há certo número de pessoas atacadas pelo mal, a maioria das quais não tem recursos para se tratar. Algumas delas deslocam-se a Faro para receber tratamento, mas têm que fazer o percurso a pé, o que é bastante doloroso.

Se outras terras, como Faro, Portimão, Lagos e Vila Real de Santo António, onde a doença não está tão espalhada, têm dispensários, parece-nos que, infelizmente com mais razão, seria justo também construir o dispensário desta vila. — *J. G.*

Visado pela delegação de Censura

Escola Técnica de Loulé

Do nosso colega «A Voz de Loulé», transcrevemos a seguinte local:

Por curiosidade, inquirimos se o número de candidatos à matrícula na Escola Técnica de Loulé, criada, na verdade e apesar de tudo o que se tem dito, por um Decreto publicado em 11 de Julho de 1947 com o n.º 36.400, seria elevado e soubemos que, nas vésperas de encerramento dessa formalidade, o número era apenas de 15.

Certamente aparecerão, à última hora, mais inscritos, pois de contrário seria lamentàvelmente triste que a população do concelho acorresse tão fracamente a um empreendimento há tanto tempo solicitado e de tão grande sentido cultural para a mocidade do nosso concelho.

É pena a simpática vila ficar tão distante de Vila Real de Santo António, porque sempre se arranjaria por aqui uma centena de alunos como reforço.

ESPECTÁCULO

VEM AÍ ALGUÉM

DENTRO de dias, teremos aí Procópio Ferreira. Vem pela segunda vez a Portugal. A primeira foi em 1935. E ainda hoje Lisboa fala dele, com admiração, pelo seu mendigo, *em «Deus lhe pague». Essa peça, que constituiu um êxito (três meses no cartaz do demolido Ginásio), meteu medo a muita gente, no princípio, e acabou por não fazer mal a ninguém... Pelo contrário: viu-se nela o despertar da renovação do teatro brasileiro, que é agora aquela certeza que se viu no Apolo.*

Mas, seja como for, «Deus lhe pague», se mais não fez, deixou no público a saudade perene do seu intérprete.

Ele vem aí. Menos jovem, é certo, que o tempo tem de passar, mas porventura maior actor, se possível, porque o tempo, se estraga, também apura.

Procópio jamais deixou de trabalhar. Começou aos 19 e tem hoje 57. É um apaixonado do teatro clássico, em que Molière parece merecer-lhe a preferência, sem menosprezo para Joracy Camargo e até mesmo para Pedro Bloch, este porque lhe deu «Esta noite choveu prata», e aquele, o «Deus lhe pague» — a peça que Procópio já representou mais de 1.500 vezes.

Procópio Ferreira, que era para Jouvet «un acteur de génie», não é só um grande actor: é também um bom pai. É sempre com ternura que fala de seus filhos. A Bibi, actualmente no Maria Vitória, é a sua jóia rara, em quem reconhece (e nós também) valor e inteligência. Mas tem mais. O seu filho mais novo anda agora pelos três anos de idade. Há ainda duas filhinhas mais: uma de oito e outra de seis anos. Procópio dedica-lhes as suas horas fora do teatro. Brinca com os filhos, como qualquer burguês pacato e simples, ou melhor, como qualquer poeta de dezoito quilates, porque estes têm sempre uma alma infantil.

É esse homem que Lisboa vai receber dentro de dias. Recebam-no com alegria, de coração e braços abertos. É um conselho. E este conselho vem a propósito da nossa tristeza teatral.

Procópio Ferreira é um homem feliz, dí-lo o próprio. Ganha quanto quer — e é e tem tudo isso talvez porque soube o que queria dentro da vida que abraçou e fez sua. Actor estudioso e culto, iluminou o próprio caminho com a luz da consciência; empresário e director seguro de si, fez do seu teatro não uma aventura fácil e sim aquilo que o Teatro deve ser: uma coisa séria, muito séria.

Vem aí Procópio Ferreira. Vem aí um exemplo. Vem aí Alguém.

Lisboa **João França**

BENAGIL
praiazinha pitoresca e maravilhosa

Conclusão da 1.ª página

armações, quer na venda do peixe para as fábricas e para consumo. Era então a povoação um regular centro de comércio de pescado.

Com o aparecimento das artes móveis (cercos e traineiras) que se concentram, na zona Barlavento, quase exclusivamente em Portimão, Benagil decaiu bastante, e banidas quase totalmente da costa algarvia as artes fixas, dedicaram-se os seus habitantes à pesca da sacada e do anzol. E é vê-los, atrevidos — há que angariar o pão! — afastam-se da costa nas suas frágeis embarcações, velas desfraldadas, asas brancas acenando despedidas, deslizando suavemente sobre a superfície azulínea do mar, em demanda dos seus pesqueiros. E à volta, tal como em tempos medievais, sopram nos seus búzios para convocar as gentes das redondezas a descerem à praia a adquirir-lhes o fruto do seu trabalho.

Tudo é simples em Benagil, talvez o trecho mais belo e pitoresco da linda costa algarvia. Grandes furnas hiantes dão guarida a bandos de pombos, e lá dentro, recolhidas, banhadas por uma luz suave, há outras praias onde a imaginação vê, por certo, em noites luarentas, silhuetas de moiras encantadas ou ninfas a mergulharem nas águas tépidas e transparentes. Os pescadores desportivos encontrarão ali um paraíso e terão que ser muito lesttos os devotos de Santo Humberto nos campos das imediações. Nas proximidades há outras praiazinhas também atraentes e desconhecidas do mundo.

À noite, no silêncio profundo deste quadro maravilhoso, o facho ritmado do farol alumia suavemente o casario branquinho onde repousa a gente simples que desconhece as comodidades do nosso tempo. Essas comodidades, legítimas e humanas, que emanciparão a pobre gente do seu viver primitivo, só lhe podem ser proporcionadas quando se construir a estrada marginal Parxal-Armação de Pera. Insistimos, portanto, com a Câmara Municipal de Lagoa por que tal benefício seja levado a efeito, tanto mais que para a terraplanagem da estrada já o Estado concedeu o ano passado a verba de 96 contos.

Eurico Santos Patrício

DEVER

Que importa haver cadeias nos meus [braços
E espinhos agudos, a ferir,
Se eu quero continuar os meus passos
E quero, mesmo de rastos, seguir?!
Que importa suportar estas torturas,
Se eu tenho fome e sede de Verdade?!
Que importa sofrer, assim, amarguras,
Se eu quero, depois, ter Felicidade?!
Que importa ir caminhando, assim, can- [sada,
Sem ter descanso, quase sem alento,
Se eu sei que, depois desta caminhada,
Nem mesmo sentirei o sofrimento?!
Que importa que eu queira andar mais [além,
Se eu devo seguir o caminho assim,
Se eu devo, para além daquele Além,
Aproximar-me deste aquém de mim?!

MARIA HERMÍNIA

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia *Carrilho*, Praça Marquês de Pombal, telefone 49.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Se às nossas penas de amor
O trevo pusesse fim,
Nem eu chorava por outro,
Nem tu choravas por mim...

MARIA TRISTE

O génio

O espírito simples respeita, admira e ama o homem de génio, porque o génio não é senão a mais alta forma da simplicidade humana. A simplicidade revê-se no génio como em fiel espelho, mas ampliando o seu objecto. Ganham grandeza as coisas ordinárias, quando o génio as toca: as palavras do génio exprimem mais do que dizem. O génio, como o raio, rasga o horizonte.— *Hello.*

Como eles pensavam

A estima não concilia sempre a amizade; mas a amizade não pode subsistir sem estima, e é uma desvantagem do amor. — *Mlle. de Scudéry.*

*

Invejar é descer.—*Jules Ricard.*

*

O verdadeiro segredo da felicidade é exigir muito de si e muito pouco dos outros. — *Alb. Guinon.*

*

O espírito enriquece-se do que recebe, o coração enriquece-se do que dá. — *Victor Hugo.*

Também na cozinha se pode ser artista

Sopa de tomate — Tomam-se duas cebolas bem grandes, cortadas aos bocadinhos, que se deitam numa caçarola juntamente com cerca de meio decilitro de azeite.

Leva-se ao lume brando, com a caçarola tapada, para que a cebola fique cozida sem alourar.

Junta-se-lhe em seguida um ramo de salsa, pimenta, louro e cerca de 750 gramas a um quilo de tomates, inteiros, juntamente com uma concha, das de tirar a sopa, cheia de água e o sal necessário para temperar.

Mantém-se sobre o fogo brando até os tomates estarem bem cozidos e então retiram-se com todo o cuidado para que não abram nem se desmanchem na calda em que cozeram, para ali não ficarem as sementes.

Colocam-se em uma peneira e passam-se com uma colher de pau, extraindo-lhes todo o polme, para o que, a pouco e pouco se lhe vão adicionando uns goles de água.

Estando os tomates passados, deita-se o polme na calda da cozedura, acrescentando-se a água necessária para a sopa.

Dilui-se nela uma colher das de sopa de farinha de trigo, rectificam-se os temperos e deixa-se ferver.

Esta sopa deve ficar bem apurada e serve-se com bocadinhos de pão còrados no forno, tirando-se-lhe o ramo da salsa e o louro.

O doce nunca amargou

Bolinhos de mosto — 4 colheres das de sopa de mosto de uvas concentrado; 1 ovo; 4 colheres de farinha; 1 colher de crescente (fermento) em pó; 1 colherinha de canela em pó.

Mistura-se o mosto com a gema do ovo e a seguir junta-se-lhe a clara batida em neve. Adiciona-se-lhe depois a farinha, o crescente e a canela e bate-se bem toda a massa. Distribui-se depois em pequenos montinhos num tabuleiro untado com manteiga e polvilhado com farinha, levando-se ao forno a cozer. Os montinhos devem ficar separados uns dos outros, para que possam crescer.

Preceitos de sociedade

— No almoço num restaurante, é correcto que as senhoras permaneçam de chapéu. Se for em casa particular, na intimidade, podem tirá-lo.

— Os anéis de noivado estão a cargo do noivo.

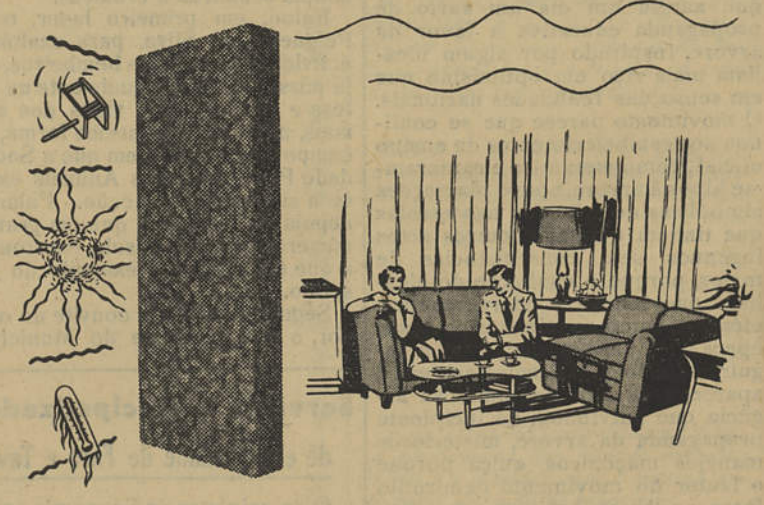
É agora não ria!

Uma senhora telefonou, indignada, para a frutaria:

— Então eu encomendo uma dúzia de laranjas e os senhores só me mandam dez?!

— É parte do nosso serviço, minha senhora. É que duas estavam podres: assim, poupámos-lhe o trabalho de as deitar fora.

Temperatura Primaveril todo o ano!



ISOLANDO A SUA CASA COM AGLOMERADOS DE CORTIÇA

Ponha ar condicionado na sua casa pelo processo mais económico e eficiente. Isole-a com cortiça.
A cortiça é o melhor material de isolamento em todo o mundo, evita o calor, o frio e o barulho. O esquema mostra como o isolamento de cortiça protege uma casa dos rigores do tempo.
Para mais detalhes, queira dirigir-se a ISOLA.

COMPANHIAS ASSOCIADAS
Mundet & Cia., Ltda. — Sociedade Corticeira Robinson Bros., Ltda. — Infal, Ltda. — Sociedade Portuguesa de Aglomerados de Cortiça, Ltda. — Socorquex, Ltda. — Corça Fábrica de Aglomerados de Cortiça, Ltda,
AGENTES EM TODO O PAÍS.

ISOLA
SOCIEDADE COMERCIAL DE ISOLAMENTOS DE CORTIÇA
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 17, 2.º — TEL. 47824 — LISBOA

MOTOR MARÍTIMO
VENDE-SE

Marca «ATLAS IMPERIAL», Diesel, 120 C. V., 400 r. p. m., 4 cilindros, inversão de marcha: directa, arranque a ar, estado novo (6/8 horas de trabalho).
Ver e tratar na Rua Augusta, 281-2.º-Dto. — LISBOA.